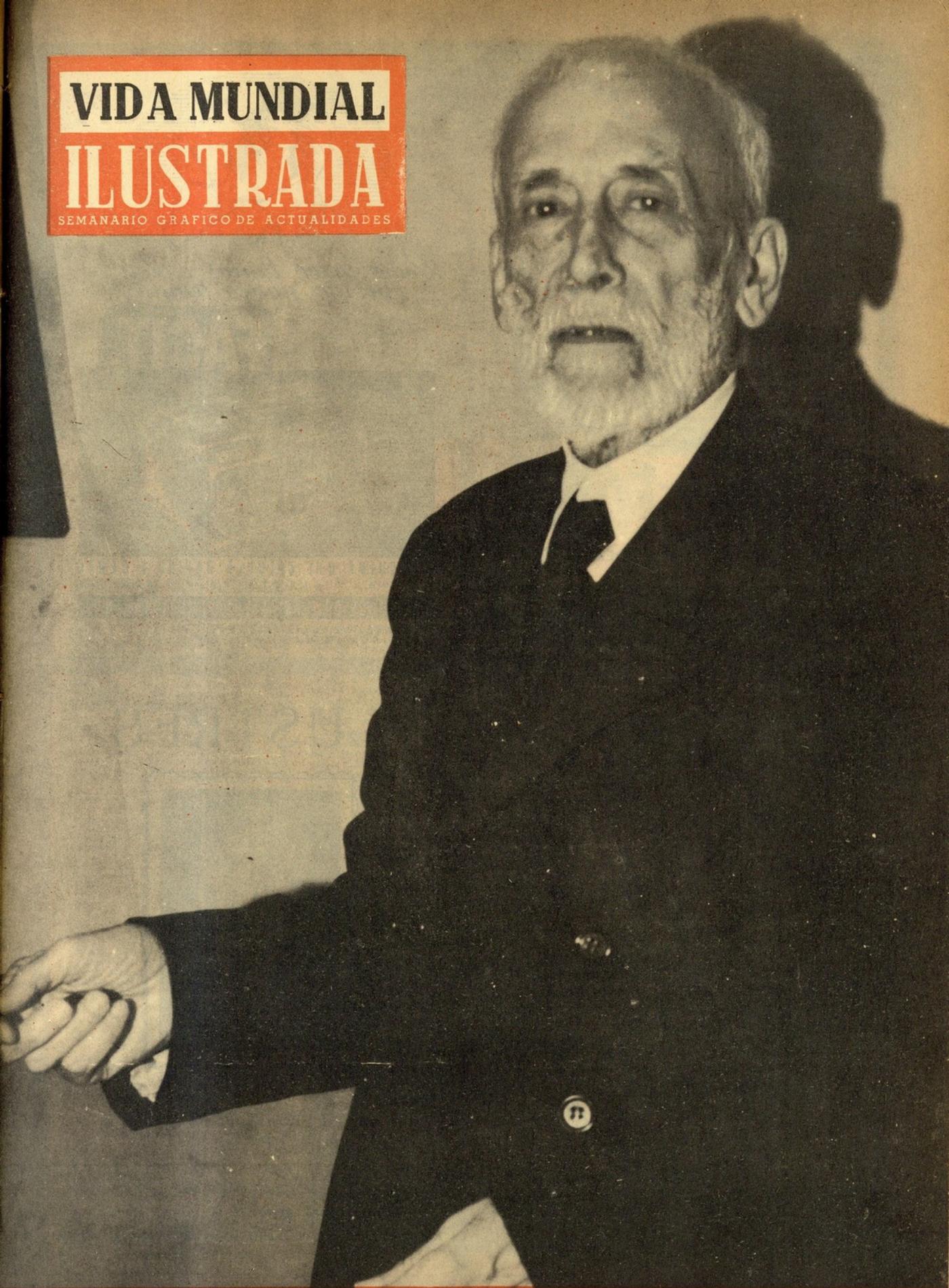


VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES



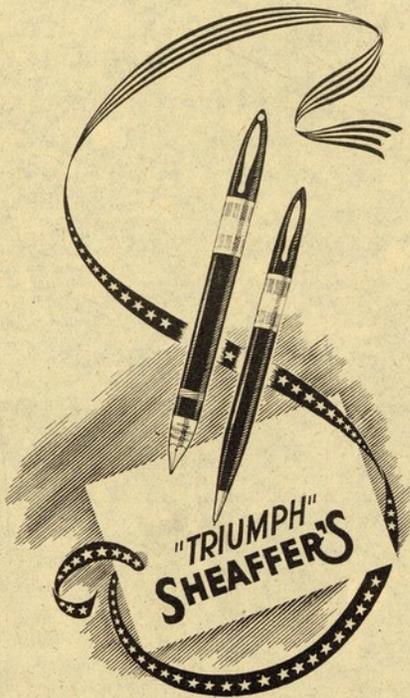


UM LINDO SONHO DE MULHER...



... POSSUÍR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA DA

FABRICA PORTUGAL
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 37-49 - TELE. 2 4948



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & DUARTE, L^{DA}
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1 - LISBOA - TEL. 26297



Como fazer tantos cálculos em tão pouco tempo?

Terá tempo de sobejo se os fizer com a moderníssima

FACIT



A MÁQUINA QUE CALCULA RÁPIDO E CERTO
MANUAL E ELÉCTRICA. 4 MODELOS

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-AMERICANA, LDA.

LISBOA - RUA DA PRATA, 145 - TEL. 2 5281 E 2 2102
PORTO - RUA SÁ DA BANDEIRA, 339 - TEL. 1 248

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-JOURS ★ CANDELABROS ★ CANDIEIROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

A
ABRIR



A F. N. A. T. vai cumprindo o seu programa: alegrar a vida dos tristes, encaminhar quem trabalha para uma ou outra mancha de sol, criar, enfim, o optimismo pela força, pelo trabalho, pela cultura física, pelo bom gosto e boas fontes de recreio. No Norte, o maestro Marques Pereira está a dirigir, com muito zelo e competência, alguns grupos de raparigas que brilham nas suas danças regionais. Aqui vemos um desses grupos, durante uma das últimas festas realizadas na capital do Norte. Não é verdade que têm graça especial?

A SENHORA ROOSEVELT



SUANDO o mundo a julgava pelas suas acções, tinha por ela um respeito convencional. No comum, as mulheres dos chefes de Estado, na impossibilidade de fazer política por sua conta, limitam-se a seguir a dos maridos — não dentro dos gabinetes dos ministros mas através de uma rede de iniciativas com carácter social: as ligas de defesa, as casas de amparo, os bodos e as festas com fins beneficentes. É certo que a senhora Roosevelt ultrapassava esta craveira de convencionalismos. Por isso ganhava dinheiro como jornalista, fazia conferências, era capaz de revolver os polos para criar a mystica de um novo corpo de doutrina social onde coubessem todos os pobres e desamparados. Ainda assim, a senhora Roosevelt, mais notável pelas idéias do que por essa circunstância especialíssima de ser a primeira cidadã americana — passaria, entre milhões de mulheres que escrevem e que pensam, sem uma atitude tão profundamente humana, tão profundamente cívica como essa imposta ao seu drama de viúva, pelo nobre conteúdo moral da mulher de um Presidente morto no seu pósto.

Talvez tenha, de facto, na avalanche de comentários e notícias, ficado envolto num véu de incompreensão e insensibilidade a attitude da senhora Leonor Roosevelt, primeira dama deposta, no momento em que o Presidente fecha os olhos. Mas é bom que se traga para primeiro plano — já não se fala na proclamação política que poderá parecer aos mais incautos uma pequena especulação, no momento em que os ânimos precisam de ser reanimados — mas nessas palavras simples, humanas, ressoando forte cívico e compreensão nítida:

— Dói-me ainda mais a morte do Presidente, pelos milhões de seres a quem faz falta, do que por mim própria...

Acima do seu drama, acima da sua dor de esposa que de repente vê fecharem-se os olhos daquele que, durante quarenta anos foi o seu tentador n.º 1 e a sua maior ternura, essa mulher feia, exótica, às vezes quasi caricata, longe das attitudes feministas, sente o drama do mundo, a desgraça que recai sobre milhões de homens para se exprimir numa linguagem que está acima de todas as convenções, que vale pela extraordinária sinceridade que a dita e que é, só por si, uma confissão de amor ao próximo e à causa que os une.

Não sei de nenhuma outra mulher que fosse capaz de colocar, espontaneamente, como um grito sincero, acima da sua dor, a crise nacional e os destinos do mundo...

MANUELA DE AZEVEDO



à-vontade desportivo, que a América exporta em larga escala. Alcinhou-se, então, de meninos «swing», essa praga americanizada de meias verdes, tacões altos, sobretudo encolhidos e calças por cima da canela. As meninas, também de olho tapado, à Verónica, de esgulos compassos no corpo magro, esquelético, sem estética, com os braços filitando de pulseiras, escravas, ferrinhos e metais, denominaram-se, na alta roda dos chás-dançantes, «Vitaminas».

De modo que o «swing», que é uma dança maluca, excêntrica, de guinchos e batuques, deu a mão, diante do altar, à «Vitamina», no sacramento que é a união eterna. Ora a crítica cafu impiedosa sobre o «swing». Fizeram-se caricaturas, versos, enfim, tudo quanto podia escarpelizar, pondo a nu o ridículo. Por fim, prestou-se justiça.

O menino «swing» é necessário. Calcula-se, mesmo, que uma cidade civilizada deve ter, pelo menos, cinco mil «swings». Ornamentam, dão um certo ar de distinção cinéfila. Porque, se Lisboa tem o seu pitoresco, o seu colorido, a sua graça própria, que lhe vem dum recanto, dum varanda, dum pobre caixote de sardinheiras — é absolutamente necessário que obtenha, no seu atabalhoado, viver burguês, onde, por vezes, despreita a flor da poesia, uma feição moderna, dinâmica, cem por cento «yes».

E não digam causar desagrado uma fila inteira desses meninos «swing», todos vestidos de igual, como internados do «Asilo Cinematográfico», ba-

Ó agora se presta justiça, inteiramente, ao envernizado galã, ocioso e tagarela que faz do Chiado o seu campo de manobras. Há homens que não compreendiam, inocentes e ingénuos, porque carga de água passeavam uns meninos penteadinhos, de grossos casacos e sapatos de afiligr, com quatro solas, deitando olhares ternos — e um

A CIDADE E O MODERNISMO

tendo, a compasso, os sapatos de quatro solas, mostrando à turba os suspensórios, na camisa larga e esverdeada, e as meias azues, à Tyronne. A cidade não pode ter aquela pesada aversão a tudo que é modernismo.

O que é novo — areja, deita para longe o cheiro de bafio.

Assobiar, correr, fazer das ruas sempre atravancadas pistas de «cross», é dinamismo — é vida, saúde, alegria.

A gente nova é a mensageira da alegria. É ela que entende melhor a Primavera. Por isso deixá-la viver com desporto. Unicamente o «sport» do «swing» — é a mesa do café, cheia de fumo, é a avenida e o Chiado coalhado de elegâncias — e quando querem ginástica pernelam três horas consecutivas os lânguidos «slow» no salão de chá, derreados e suados, com a Betty nos braços.

Campismo, vela, natação, ginástica, para que? Eles já têm os peitos estretos de enfermos — e os casacos trazem a musculatura nas entretelas; depois, o campismo: correr pelas estradas, almoçar das marmitas, dormir em cima do ferro — é uma coisa que aterra. Em vez do campismo — faça-se o «chiadismo», o «avenidismo», para esses rapazitos saudáveis e fortes, bebendo chá-zinho, que só sabem «acampar» às esquinas dos cafés, derreados e moles, arautos da preguiça nacional.

MANUEL MARTINHO

FIGURAS DA SEMANA



PROF. ENG. FERREIRA DIAS



JOÃO PEREIRA DA ROSA

artigo sub-secretário de Estado do Comércio e Indústria, que foi agora eleito presidente do Ordem dos Engenheiros.

director de «O Século» agora eleito procurador da Câmara Corporativa, como delegado do Grémio da Imprensa Diária, de que é presidente.



comportamento do espião Kruppger, perante a morte, e o seu método de transmitir informações secretas com «tinta simpática», traz-nos à memória, por analogia, o caso do espião Müller, «o dandy», associado a o pseudo-padeiro Hahn. Num distrito de Londres os dois

espiões ocupavam-se muito menos em fazer justificar o seu comércio do pão que em ajudar, com os seus esclarecimentos o sucesso das armas alemãs.

Certo dia do ano de 1915, a Censura postal de Londres enviou a um inspector dos serviços especiais da «Scotland Yard», um masso de cartas de carácter suspeito.

«Entre esses cortes — contou esse Inspector, que era o brilhante Herbert Fitch — encontrava-se uma que me intrigou apesar do seu aspecto totalmente inocente. A Censura tinha tido o faro apurado. Tratava-se de uma carta amável, gentil, cheia de sentimento, endereçada a pessoa de família residente na Holanda, e redigida por um homem bem educado, com essa mistura de à-vontade e de reserva que distingue o homem inteligente. E, entretanto — e quanto mais olhava mais me admirava — no fundo da última página, ao lado da assina-

Durante esta guerra, os ingleses tomaram excepcionais cuidados para se defender da rede de espionagem inimiga. Assim, por exemplo, faziam fotografar cenas como estas e que, reproduzidas em grandes cartazes, eram acompanhadas de expressivas legendas: «O inimigo tem olhos e ouvidos postos sobre as nossas bocas! Não falemos em público seja do que for nem mesmo com os conhecidos. Marinheiros, soldados, aviadores, não falem em casa do que fazem ou do que sabem!»

tura, encontrava-se uma dupla fila de cruces que não podiam significar outra coisa senão beijos. Em teoria, não tenho nada contra os beijos; mas não esperava vê-los tão pródigoamente distribuídos por um senhor que parecia discreto e de idade madura.

«Um ferro quente passado sobre as páginas, deixou-as imaculadas. Metemo-nos ao trabalho usando os nossos reveladores químicos.

Letras de uma cor de ferrugem apareceram então entre certas palavras. Depois de afadigado exame, apercebemo-nos de que essas letras avermelhadas formavam por seu turno palavras cujo sentido não era muito claro. Havia mesmo números a respeito dos nossos transportes de tropas. A carta estava assinada com a inicial «G», e não tinha a direcção do remetente. Apenas o carimbo de um departamento postal do «East-End» de Londres.

«Pelos nossos agentes secretos na Holanda, promovemos um inquérito em torno da morada de destino da carta e chegámos à conclusão de que se tratava de uma loja destinada à recepção de correspondências, e que o homem que ia receber essas cartas tinha a aparência de um vulgaríssimo comerciante.

«Entretanto, uma outra carta assinada «G» e mencionando também muitos beijos, tinha sido retida na Censura; ela continha, realmente, um enérgico pedido de dinheiro, formulado entre as linhas visíveis, e escrita com tinta simpática. Os beijos pareciam estar ali tão somente para darem à carta um aspecto familiar.

«Uma terceira carta enviada pela Censura, deu-me a pista de que precisava. Era redigida por outra mão, não estava assinada, mas esclarecia em caracteres avermelhados: «G. partiu para Newcastle, eu escrevo do 201».

«Imediatamente partiram instruções telefónicas para Newcastle, e dirigi-me eu próprio à direcção de uma repartição dos Correios de Londres, com a ideia de que «o 201» poderia ser o número da

porta de uma casa. Ora, as ruas do «East-End» que chegam ao número 201 não são numerosas. Anotei os nomes de todas as que estavam naquelas condições, e, de automóvel, dei uma volta rápida.

A sexta casa que visitei pertencia a um padeiro chamado Hahn, que se pôs a protestar logo que lhe disse que precisava de visitar os quartos que havia debaixo da sua loja. Mas isto foi regulado depressa: deixei-o sob a vigilância de um sargento detective e desci ao seu quarto de dormir. A primeira coisa que notei foi um bloco de papel de cartas sobre uma pequena mesa. Tirando uma folha, e colocando-a contra a luz, reconheci a mesma filigrana que havia nas cartas em meu poder. Ao lado do bloco estava um masso de sobrescritos, exactamente iguais aos das cartas destinadas à Holanda; também encontrei uma folha de papel mata-borrão, que, posta diante de um espelho, me revelou algumas palavras que pude decifrar na imagem reflectida: «ti... para... castle... escrito do 201». Numa caixa de medicamentos encontrava-se um aparo de aço cuja ponta não tinha qualquer marca de tinta, mas parecia atacado por um produto químico. Sobre o leite, vi um sapato novo, mas cuja ponta parecia ligeiramente machucada. Deixei cair-me uma gota de torresol, de um frasco que sempre trago comigo, e a reacção revelou-me que a ponta do sapato estava impregnada de uma solução alcalina que formava uma tinta secreta; quando se pretendia escrever mergulhava-se a ponta do sapato em água, a qual, assim tratada, servia de «tinta simpática». E encontrei também três gravatas impregnadas dessa mesma matéria.

«Já tinha elementos mais que suficientes para fazer gaguejar o padeiro Hahn, mas estava ainda longe de estabelecer a identidade do misterioso «G». O prisioneiro guardou um silêncio obstinado e negou depois enérgicamente ser o proprietário do material encontrado no seu quarto. Quanto



6

I—ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE.
 II—A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL.
 III—EFICIENCIA DA ESPIONAGEM. IV—
 ARMAS SECRETAS. V—TINTA SIMPATICA.
 VI—MULLER, O DANDY ROWLAND,
 ESPIAO POR AMOR. VII—UM ALFINETE
 PODE PERDER UM HOMEM. VIII—SELOS
 E PEQUENOS ANUNCIOS. IX—A BENGALA
 DE MR. ARCHIBALD. X—O ESPIAO
 CORREIO DE NANTES E O HOMEM DE
 PARIS. XI—AS SEREIAS E A MULHER
 QUE MUITO GOSTAVA DE OVOS. XII—HIS-
 TORIA DA BELA LIZZIE WERTHEIM.
 XIII—O DUPLO ESPIAO. XIV—MARTA
 RICHER, A SEREIA FRANCESA. XV—EMA
 STUBERT, AQUELA QUE BRINCAVA COM
 O CORACAO. XVI—MATA-HARI FOI PRE-
 VENIDA DUAS VEZES. XVII—FRAULEIN
 DOKTOR, PROFESSORA DE ESPIONAGEM.

ESPIÕES DE GUERRA

MÜLLER, "O DANDY"

ROWLAND, O ESPIÃO POR AMOR

PIERRE GOEMAERE

UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

às correspondências com a Holanda, ou quanto à identidade de «G», afirmou nada saber.

Os seus vizinhos, porém, foram mais faladores. Alguns deles descreveram com grande soma de pormenores a figura de um russo, alto e alourado, com o aspecto de um «dandy», e que morava, supunham, próximos de Russel Square, e que visitava Hahn com frequência.

«De automóvel, segui para Russel Square e examinei todos os registos dos hotéis e pensões, procurando o nome de um hóspede que tivesse recentemente partido para Newcastle. Tendo a descrição física do homem, restringi as informações a dois ou três nomes, e parti para Newcastle. Lá, numa casa à beira d'água, descobri o «meu» russo. Negou tudo com excessivo nervosismo, e afirmou mesmo que não conhecia Hahn.

«Vários vizinhos do padeiro identificaram-no como o visitante de Hahn, logo que o processo correu os seus trâmites. A medida que os pormenores comprometedores se acumulavam, o russo perdia o sangue-frio.

Finalmente, chamou-me à sua cela e, numa voz entrecortada, disse-me que era realmente um espião, que o seu nome era Müller, e que a pseudo-nocionalidade russa era apenas um disfarce.

«Ele era o principal culpado, e foi condenado à morte, enquanto Hahn, cúmplice mais ou menos passivo, não apanhou senão cinco anos de trabalhos forçados.

«Depois de ter corajosamente afirmado a sua verdadeira actividade perante os juizes, Müller recuperou todo o seu sangue-frio, e contaram-me que apertou a mão a todos os soldados do pelotão executor, momentos antes de cair varado pelas suas balas».

• • •

Os pormenores que o inspector Fitch e outras autoridades forneceram sobre a morte do agente Müller, que teria não somente apertado o mão dos seus executores, mas também agradecido ao oficial que os comandava que o livrasse das cadeias da sua vida, fazem pensar na atitude que teve, perante o pelotão de fuzilamento, um certo Rowland, a quem poderemos chamar espião por amor.

Com efeito, a louca paixão que o atraíu para



DOIS AGENTES SECRETOS ALEMAES, RECENTEMENTE PRESOS NOS ESTADOS UNIDOS: OTTO HERMAN VOSS E ERIC GLASER.

uma mulher, em que ele ignorava, ao princípio, toda a actividade das missões secretas, acorrentou esse romântico rapaz e fê-lo percorrer várias partes do mundo com ela, tornando-se pouco a pouco cúmplice da sua perigosa amante.

A Dulcinéa desse perfeito cavaleiro andante era uma elegantíssima turista, chamada Lizzie Wertheim, de pretensa nacionalidade holandesa, e que, ao volante de um luxuoso automovel, teve a imprudência, no fim do ano de 1915, de passear a sua curiosidade pela Escócia. Contaremos a sua história no capítulo «Mulheres de espionagem», e limitarnos-emos a dizer, agora, que o seu galante secretário foi abandonado também nessa altura, e mandado em seguida para a frente do pelotão executor.

Pouco antes de morrer, Rowland compreendeu, como antes sucedera a Müller, que mais valia acabar com a vida que levava, e que seria quasi bom, que uma salva de tiros lhe puzesse o fim. Confiou ao seu guarda de cárcere, a quem não cessou de falar de Lizzie Wertheim, que, desde

o seu primeiro encontro com ela, ao primeiro olhar trocado, se sentiu dominado como um hipnotizado cal sob o império do magnetizador.

Entretanto, na última madrugada, já diante do pelotão, o condenado pediu ao oficial que lhe vendasse os olhos com um lenço da amante!

«Tinha tirado da algibeira — conta aquêle official — um minúsculo quadrado de seda perfumada, de côr lilás, e bordado com as iniciais L. W. O lenço era muito pequeno para dar a volta à cabeça, e eu coloquei-o na parte interior do pano de que estava munido, e assim o infeliz sentia a seda de encontro aos seus olhos... Rowland esperou estoicamente o fogo, e caiu desamparadamente. Dúvido que a mulher por quem ele morreu fosse digna de uma tal devoção, pois os juizes que a julgaram acharam-na egoísta, histórica e falsa».

A seguir:

UM ALFINETE PODE PERDER UM HOMEM



À entrada da casa-museu de Vila Nova de Gaia que tem o seu nome, Mestre Teixeira Lopes, pouco tempo antes de morrer, expõe à objectiva dum «repórter» fotográfico a sua típica figura de Artista.



COMO se sabe, Teixeira Lopes, além da sua obra de estatuariário, o mais ilustre artista português da especialidade, depois de Machado de Castro e Soares dos Reis, deixou uma casa que, pelo seu valioso recheio, constituído por obras de arte de procedências diversas e objectos preciosos de toda a espécie, acumulados pelo bom gosto do Mestre, se tornou motivo de interesse para todos os visitantes cultos, nacionais e estrangeiros.

de Vila Nova de Gaia, prolongamento natural da cidade do Porto. Ainda em vida, o Artista legou à terra natal, em determinadas condições, a casa em que viveu e trabalhou, e onde recebeu eminentes e prestigiosas figuras. O retiro de Teixeira Lopes, que, por conter muitas e verdadeiras maravilhas e ser, além disso, a residência e a oficina do Mestre, transformou-se, naturalmente, em Casa-Museu de Teixeira Lopes e, sem dúvida, no próprio museu de Vila Nova de Gaia.

Apesar de artista — e escrevemos assim, porque os artistas, via de regra, não são excessivamente apegados a bens materiais e não costumam preocupar-se, demasiadamente, com o «vil metal» — Teixeira Lopes fez a doação da sua casa de Vila Nova de Gaia, continente e conteúdo, à Câmara Municipal da sua terra natal em condições que seria injusto não considerar vantajosas para o doador. Basta dizer que, pelo documento da doação, datado de 1933 e firmado por Teixeira Lopes e pelo representante da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, «o donatário, legitimamente representado pelo segundo outorgante, fica obrigado pela sua tesouraria a pagar a ele, doador, a contar do primeiro dia de Julho de 1931, a pensão mensal vitalícia de 4.000\$00». Nessa mesma cláusula do contrato, a primeira, se acrescentava: «As pensões correspondentes ao ano económico de 1931-32 serão pagas numa única prestação de 48.000\$00 na presente data. As pensões relativas aos meses decorridos

MESTRE

TEIXEIRA LOPES

A CASA-MUSEU DE VILA NOVA DE GAIA E O CASO DO ESPÓLIO DO ARTISTA

no corrente ano económico de 1932-33 serão, também, pagas na presente data. Para os meses que se seguirem, o pagamento será feito nos primeiros oito dias do mês que se suceder ao último findo, constituindo o não cumprimento desta cláusula obrigação, como pena, do pagamento de mais 1.000\$00 por cada mês decorrido, sem cumprimento de cláusula pactuada, caso os motivos que o justifiquem não devam ser considerados de força maior».

Como se vê, o Artista sabia zelar os seus próprios interesses particulares e ser generoso para com a sua terra natal sem prejuízo ou postergação das suas conveniências de homem. Um exemplo a apontar àquelles que julgam que os artistas são todos desinteressados, exploráveis, lunáticos...

Outras condições, além das citadas, faziam parte do documento da outorga. Uma delas estipulava que, «se o doador, António Teixeira Lopes, falecer dentro do período de dez anos, decorridos da presente data, o donatário, legitimamente representado pelo segundo outorgante, obriga-se, no período máximo de um ano, a contar do falecimento do doador, ao pagamento de 100.000\$00 aos seus legais herdeiros». O Artista morreu seis anos após

a doação, e a municipalidade de Vila Nova de Gaia entregou aos herdeiros de Teixeira Lopes, José Marcelo Teixeira Lopes e sua filha Isabel Maria, aquilo que o contrato estipulava.

A doação abrangia, como é natural, o continente e o conteúdo da casa-museu, à data da escritura. Os objectos ou trabalhos que fôsem adquiridos ou produzidos, após essa data, pelo doador, «só por expressa indicação do mesmo doador é que poderão ficar na posse do Município».

No testamento de Teixeira Lopes, datado de 19 de Março de 1939, está exarado: «Tódas as obras de arte por mim executadas que se encontrem na minha casa, à data do meu falecimento, e que não sejam das que ficaram inventariadas como fazendo parte do contrato entre mim e a Câmara de Gaia pertencem a meu sobrinho José Marcelo, porque já de há muito lhas venho dando e continuarei a dar, à medida que as executo, e nessas disposições me mantenho. Exceptuam-se, porém, tódas aquelas em que se encontrar aposta uma etiqueta feita por mim a indicar que pertencem à Câmara Municipal de Gaia, porque essas as lego à dita Câmara para ficarem juntas às que fazem parte do já referido contrato que com ela celebrei». Ora são, precisamente, os objectos e trabalhos não etiquetados que têm dado, ultimamente, que falar — e que escrever.

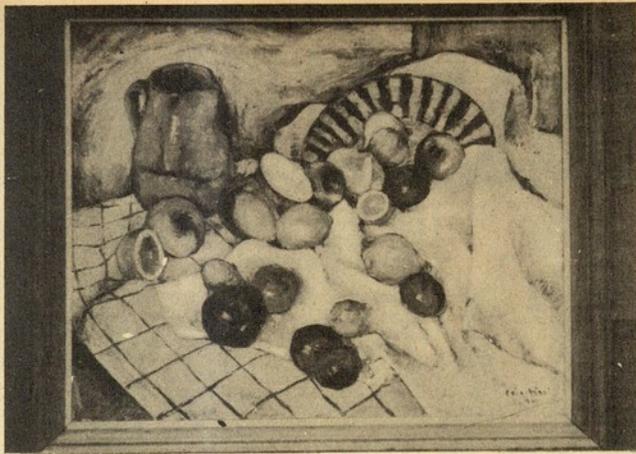
Tudo aquilo que não estava etiquetado, à data do falecimento do Mestre, propôs-se a Municipalidade de Vila Nova de Gaia adquirir pela soma de trezentos e cinqüenta contos. O sobrinho-herdeiro de Teixeira Lopes não aceitou a proposta, exigindo oitocentos contos, verba muito mais importante do que aquela. Procedeu-se à avaliação por peritos, e estes chegaram à conclusão de que o espólio extra-doação valia algo mais de seiscentos contos, quantia que o sobrinho-herdeiro do Artista aceitou, como termo de arbitragem, caso a Municipalidade estivesse pelos ajustes, o que não aconteceu. A questão arrastou-se, com a intransigência de ambas as partes interessadas. Por fim, por proposta do vereador do pelouro dos assuntos de instrução e cultura da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, ficou assente, em face da «divergência de opiniões manifestadas sobre a oportunidade ou conveniência da aquisição», «que esta Câmara Municipal dê por findas as negociações referentes à aquisição, embora lamente a dispersão das obras do Mestre e de que esta Câmara não pode ser acusada: e que esta Câmara faça, porém, respeitar todos os seus direitos derivados do contrato de doação».

Não discutimos se a Municipalidade de Vila Nova de Gaia procedeu bem ou mal, não adquirindo o resto do espólio de Teixeira Lopes, mas não podemos deixar de verberar que um simples desentendimento de carácter financeiro prive a Casa-Museu de Teixeira Lopes das algumas preciosidades e raridades que, doravante, os visitantes daquela mansão de arte não poderão ver e admirar.

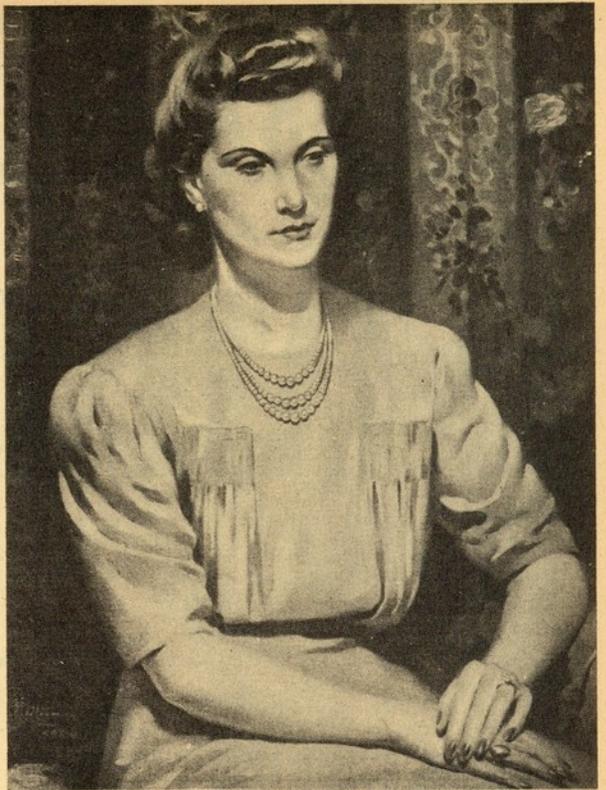
O que há de mais importante — famos a dizer: escandaloso — no caso da Casa-Museu de Teixeira Lopes é o que se diz quanto aos objectos e trabalhos doados pelo Mestre e que, pela letra do contrato, deveriam estar devidamente etiquetados. Acontece, porém, que essa parte do espólio do Mestre não apresenta as devidas etiquetas, o que, apesar da relação apenas ao documento de outorga, permite que se estabeleça relativa confusão no apuramento final dos valores existentes.

Há, pois, um problema que ainda não foi completamente resolvido. Eis porque, apesar da recente deliberação municipal, a questão da Casa-Museu de Teixeira Lopes continua a interessar a muita gente...

H. R.



«Natureza Morta» — óleo de Celestino Alves, adquirido pelo Estado



«Retrato de senhora»,
óleo de Varella Aldemira

BELAS
Artes

O SALÃO DA PRIMAVERA QUE É O XLII DE NOME NÃO VICEJOU ESTE ANO EM BARATA SALGUEIRO...

O senso estético anda pelas ruas da amargura. Não há incentivos, não há amparos, não há críticos, não há cultores novos que se abalancem a deixar de copiar o rio, a árvore, a casa pitoresca, o homem das rugas e a cabeça do garoto.

Onde está a fantasia, a imaginação, o espírito criador da maioria dos artistas plásticos? O retrato — quando os artistas se afoitam a correr o risco de atraiçoar o modelo — aparece mais ou menos psicológico; as árvores aparecem mais ou menos estilizadas. Mas, no fundo, esse dom de criar arte com os jogos de elementos reais, essa suprema faculdade de animar coisas e pessoas de uma chama interior, tudo isso falha cem por cento, quando o pincel e o cinzel, uma ou duas exceções — empunham a paleta e o cinzel.

Onde estão os grandes artistas capazes de imaginar os quadros de Columbano, as cenas de Van Gogh?

Belas-Artes — aquela que devia ser o mais representativo de quantos se realizam em Portugal. Em qualidade, não ficaremos muito aquém da adjectivação. Dizem-nos que o júri resolveu muito a fazer valer o seu critério e excluiu muita coisa. Como este ano a quantidade dos outros anos em nada favorecia a nós — achamos bem. A arte, repetimos, é anti-representativa, académicamente falando, de quantas se realizam no país.

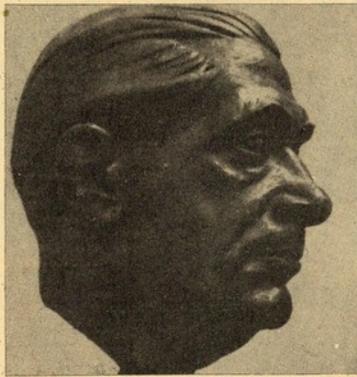
Mas, parece que houve dissidentes, gente nova que não quis ir ou que foi excluída contra a sua opinião. E anuncia-se que vão expor num outro Salão...

Quando a nós — achamos bem. A arte, repetimos, é anti-representativa, académicamente falando, de quantas se realizam no país.

Quando a nós — achamos bem. A arte, repetimos, é anti-representativa, académicamente falando, de quantas se realizam no país.

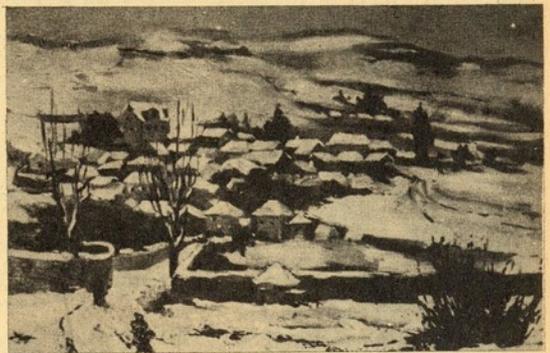
Mas, parece que houve dissidentes, gente nova que não quis ir ou que foi excluída contra a sua opinião. E anuncia-se que vão expor num outro Salão...

Quando a nós — achamos bem. A arte, repetimos, é anti-representativa, académicamente falando, de quantas se realizam no país.



Retrato de Castro e Mena,
escultura de Manuel Santana

«Neve portuguesa»,
óleo de Silva Lino



«Campolide» — contra-luz — óleo de J. Ribeiro

«Neve na Serra de Monsanto», óleo de Júlio Santos



«A Ponte», óleo de Silva Marinho



CALÇADA DA GLÓRIA

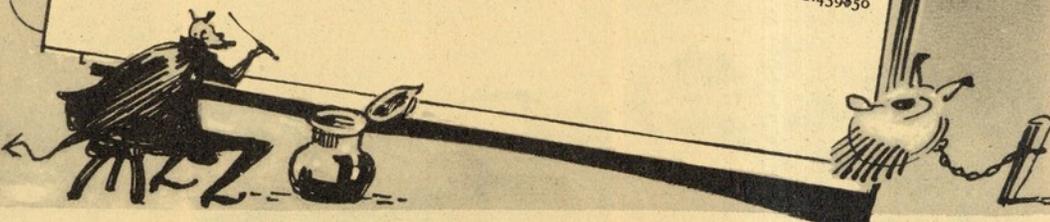
TEM A PALAVRA A

ESTATÍSTICA

Tenho um amigo que se dedica à estatística. Disraeli, o célebre estadista inglês, dizia que a estatística era uma das formas da mentira admitidas pela Civilização. Talvez não fosse Disraeli quem tivesse dito isto, mas para o caso não importa. A verdade é que a estatística, pôsto que felível como tudo que é rigoroso neste mundo, tem, pelo menos, a vantagem de nos oferecer aspectos bastante pitorescos. Pois bem. Esse tal meu amigo que se dedica à estatística facultou-me, há dias, alguns mapas elucidativos, que contêm índices curiosos, e que, amavelmente autorizado, me vou permitir o luxo de transcrever nesta página. As estatísticas que vão ler-se dizem apenas respeito às mulheres — matéria que, em especial, interessa aos homens — e dão-nos, porventura, melhor que longas páginas de comentários, alguns expressões do nosso panorama social feminino.

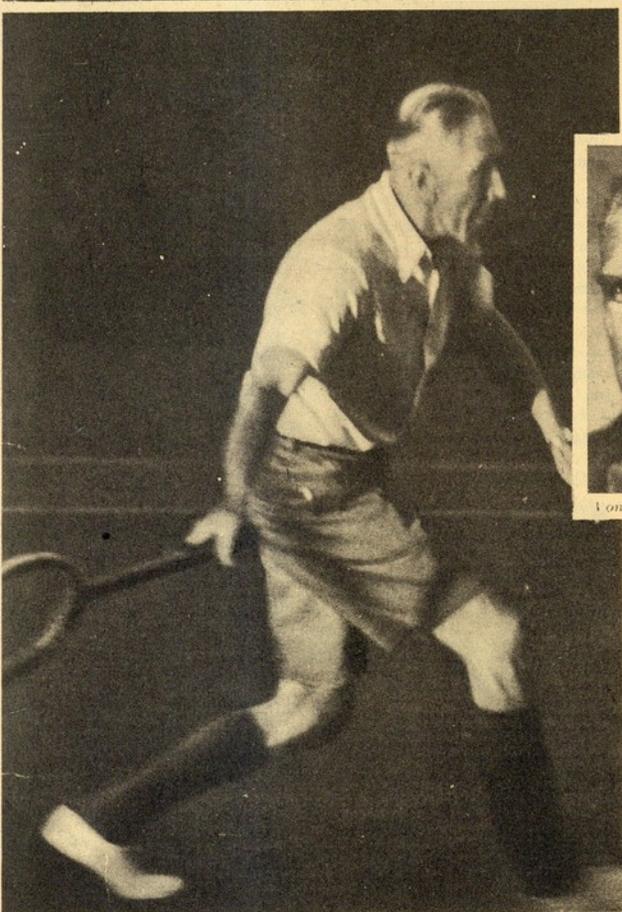


Mulheres existentes em Portugal: 4.225.002		* As restantes	
Casadas	2.325.000	Mulheres existentes em Portugal	4.225.002
Viúvas	100.000	Usam o cabelo de côr natural.....	2.149.003
Solteiras que aspiram ao casamento	1.800.001	Mulheres de cabelo preto que o pintam de loiro	2.075.997
Solteiras que renunciam ao casamento		Mulheres de cabelo loiro que o pintam de preto	
* As restantes		2	
Casadas	2.325.000	Por cada 100 mulheres	
Dão-se celestialmente com os maridos	15	Têm o nariz arrebitado	325.000
Dão-se razoavelmente com os maridos	21.189	Têm o nariz amanchucado	483.015
São batidas pelos maridos	987.000	Têm o nariz engorgitado.....	114.109
Batem nos maridos	817.000	Têm o nariz bem feito	77.876
Batem-se mutuamente		18	
* As restantes		2	
Viúvas	100.000	Por cada 1.000 mulheres	
Viúvas completamente tristes...	192	Têm as pernas mal feitas.....	15.000\$00
Viúvas conformadas	31.314	Têm as pernas toleráveis	4.000\$00
Viúvas alegres.....		Têm as pernas bem feitas.....	900\$00
As restantes			3.800\$00
		5	
		Por cada 10.000 mulheres	
		Pensam só no dinheiro	1.200\$00
			1.600\$00
			3.200\$00
			600\$00
			9.327\$20
			11.439\$50

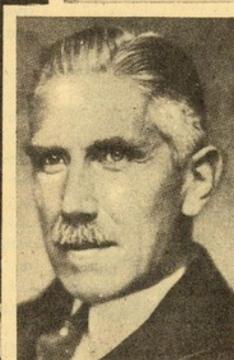




Em 1918, os exércitos derrotados da Alemanha atravessam o arco de triunfo de Brandenburgo, depois do Armistício. À frente os generais Göner, von Bock, von Schleicher, von Hammerstein e von Wetzell, comparsas na vida aventureira de von Papen.



A política, a intriga das camarilhas ainda lhe deixam tempo para ser um bom «sportman».



Von Papen — ele mesmo

ENTRE OS CLARÕES DA GUERRA E AS SOMBRAS DA POLÍTICA, RESSURGE SEMPRE A VIDA AVENTUROSA DE VON PAPEN

FOI graças à publicação de uma nota do Secretário de Estado norte-americano, Lansing, de 4 de Dezembro de 1915, que Franz von Papen fez a sua entrada sensacional na História. Que dizia, em resumo, essa nota que foi depois tantas vezes invocada? Que o adido militar alemão em Washington, exercia, ao abrigo das imunidades diplomáticas, uma actividade contrária aos interesses da nação americana. Em resumo, tratava-se dum caso que o Governo dos Estados Unidos considerava de pura espionagem e pelo qual pedia ao Governo alemão que fizesse regressar a Berlim aquele funcionário.

O pedido do Governo de Washington foi satisfeito em Janeiro de 1916, e os ingleses, depois de terem procedido a uma rigorosa busca na sua bagagem, puderam apreender uma série de documentos comprometedores que permitiram publicar o famoso folheto intitulado: «Cópia dos documentos que, em 2 de Janeiro de 1916, foram encontrados em poder do antigo adido militar alemão em Washington, Franz von Papen. Este folheto, divulgado sob a forma de Livro Branco, produziu, em toda a parte, na altura da sua publicação, uma sensação compreensível.

Quando a opinião pública norte-americana se encontrava ainda sob a impressão das revelações feitas em Londres, uma notícia de Berlim anunciou que Sua Majestade o Imperador Guilherme II resolvera agradecer com a Ordem da Águia Vermelha o capitão de cavalaria, von Papen, recompensando, assim, a sua acção nos Estados Unidos. Este episódio foi dos que mais contribuíram para apressar a intervenção americana na guerra de 1914-18, a qual veio a produzir-se oficialmente alguns meses depois.

Decorrido um ano, Franz von Papen deixou novamente nas mãos dos inimigos do seu país uma série de documentos comprometedores. Enviado, como agente de ligação, à Palestina, quando da evacuação de Nazaré, os

(Continua na pág. 14)



Nun grupo, Hitler e von Papen.



Von Schleicher, von Papen... A política os uniu, a política os separou. Schleicher, o da esquerda, foi vítima da depuração de 30 de Junho de 1934.

MAIS UM QUE
NOS DEIXA!

Francisco Mata

PARTIU PARA LONDRES E
FALOU-NOS DO MELHOR
PROGRAMA, DOS MELHORES
INTÉRPRETES E DOS
MELHORES LOCUTORES
DA RADIO PORTUGUESA

FRANCISCO MATA — o dr. Francisco Mata, formado em Letras — partiu para Londres. Mas, no momento em que «Vida Mundial Ilustrada» vier a público, já o conhecido trabalhador da Rádio está na B.B.C.

O estrangeiro continua, assim, a tentar as gentes da Rádio portuguesa — já porque vão aprender e embrenhar-se em segredos que não ultrapassaram ainda as fronteiras da origem, já porque as condições de trabalho e remuneração são bem diferentes — e vale a pena, francamente, mudar de clima...

Francisco Mata é um nome que, na Rádio da nossa terra, dispensa adjectivos. Começou por ser locutor mas, pouco tempo depois, deixou o microfone como obrigação, para apenas o defrontar quando tinha de apresentar trabalhos seus.

E que tinha passado a produtor, a autor radiofónico. E, nesse campo, criou nome — marcou uma posição.

Quando na segunda-feira lhe perguntámos porque tinha vindo para a Rádio, Francisco Mata respondeu:

— Penso que foi, acima de tudo, um caso de vocação e nada mais. Talvez que essa mesma vocação se tenha revelado débil e frouxa mas, em todo o caso, eu dei-lhe o melhor do meu esforço e da minha vontade.

— E acertou...

— Julgo que acertei algumas vezes e tenho a perfeita consciência de ter falhado muitas. Não o digo por mo-

déstia, mas pela convicção de que todos — sem excepção — somos amadores.

Numa transição:

— Uma das razões que me levou a aceitar o convite da B.B.C. foi, sem dúvida nenhuma, o desejo de me fazer um autêntico profissional. A B.B.C. é a grande universidade europeia da Rádio, a única, neste momento, onde podemos aprender a sério. No dia em que a Rádio portuguesa fôr animada por autênticos profissionais, eu hei-de ser o primeiro a sorrir dos programas que realizei nesta primeira fase da minha actividade radiofónica.

— Recorda-se, Mata, quantos programas teria feito até agora?

Francisco Mata sorri:

— Sel lá! Centenas! Ora anote: *Música e Palavras*, *Sinfonias Bárbaras*, *Desfile musical* e *Música para todos* — só isso perfaz cerca de 300 programas, todos de carácter musical. Acrescente-lhes, agora, 130 *Domingos Sonoros*, perto de setenta composições radiofónicas, inúmeras reportagens realizadas «sur place», três anos de «Vozes do Mundo» e veja que medonho total!... E não vale a pena falar da montagem de programas de outros colegas!...

Uma breve pausa e Francisco Mata prossegue:

— Já vê: estou na fase do cansaço, o que é humano. Os meus últimos programas ressentiam-se dessa fadiga, que eu próprio denunciava tranquilamente, abandonando grande parte das rubricas a meu cargo. Nada melhor para o meu espírito e para as minhas inquietações do que esta permanência em Londres. Novos temas, novas sugestões, outras perspectivas.

Val para o ar, como se diz em linguagem radiofónica, outra pergunta:

— De tudo quanto fêz, o que é que lhe agradou mais?

Francisco Mata não leva muito tempo a pensar:

— Eu lhe digo. As séries do «Pas-satempo» e «Almanaque» que escrevi meses a fio para o *Domingo Sonoro*, até o Olavo correr a salvar-me, como na ópera!... Mas o melhor programa, para mim, foi «A Voz de Coimbra», que passou absolutamente despercebido. Em contrapartida, outros programas que não tenho pejo em considerar banalíssimos, mesmo medíocres, alcançaram um êxito lisonjeiro.

— O público é caprichoso...

— De facto. Custa muito a perceber como isto acontece, mas acabamos por habituá-nos!

Voltamos uma página ao questionário:

— Fale-nos da Emissora. Tem, de certo, coisas interessantes a dizer...

— Devo as maiores atenções, a maior gratidão à Emissora Nacional. Foi lá que eu me lancei e me fiz, sem obstáculos, sem me oporem as menores dificuldades, antes encontrando da parte de todos a maior simpatia por tódas as minhas iniciativas. Se eu quisesse dizer-lhe os nomes de tódas as pessoas que, acima de tudo, foram amigas, teria que começar no presidente da Direcção e acabar no mais modesto contínuo. Em cerca de quatro anos de trabalho, só me importouno um despeitado que trabalhava a meu lado e me dava pancadinhas nas costas, mas isso até foi útil, pois me permitiu, medir por êle, a lealdade e a sinceridade de todos os meus camaradas de trabalho: Fraga, José Augusto, Olavo, Müller, Carlos Ribeiro, Fernando Garcia, Amadeu de Freitas,

Moutinho, João da Câmara, Caeiro, Curado Ribeiro, Maria de Resende, Aurea, dr. Isidro Aranha e essa jóia de camarada que foi e voltará a ser o nosso Jorge Alves. Depois, ao chegarem os novos, Lança Moreira, Represas, Etelevina, Campina e Artur Agostinho, depressa ganhei mais amigos e óptimos colaboradores. E de justiça que eu fale dos rapazes que constituem o «team» técnico da gravação. O que êles me aturaram, santo Deus! Mas dêmo-nos sempre bem!

Um silêncio, que não interrompemos, para a seguir ouvirmos:

— E aqui tem. A Emissora devo metade do pouco que sou. A outra metade devo-a aos senhores ouvintes, mesmo aqueles que me escreviam a discordar. Sem êles, sem as suas vozes, eu não teria coragem para continuar. Por isso lhes estou muito grato.

— Mais nada?

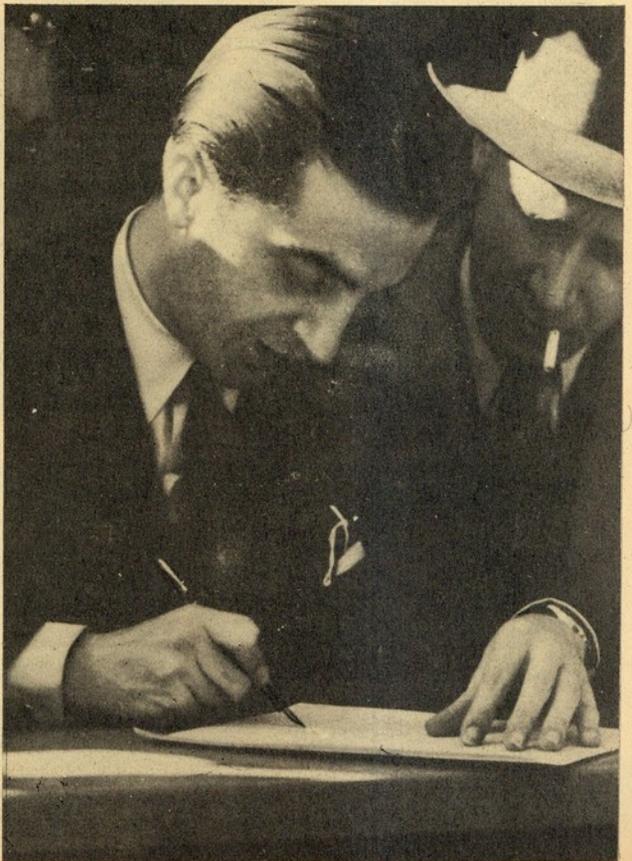
— Acha pouco? Pois então, antes de acabar esta conversa, deixe-me dizer-lhe quatro coisas...

— Venham elas...

— Primeira: O melhor programa da Emissora, na presente época, é a «Enciclopédia». Segunda: A melhor intérprete é a estupenda Maria João do Vale. Terceira: O melhor intérprete, o «irritante» Olavo de Eça Leal. Quarta: O melhor período de emissão — o da manhã. Acrescente êste «post-scriptum»: no dia em que quiser, Pedro Moutinho formará com Fernando Pessa, o «par» dos melhores locutores portugueses de todos os tempos.

Assim falou Francisco Mata. Que seja feliz na sua estadia na Universidade europeia da Rádio, são os nossos sinceros votos!

O QUE ESTARÁ FRANCISCO MATA A ESCREVER E QUE TANTO PARECE INTERESSAR A ADOLFO MULLER?





Uma foto expressiva de Leslie Howard



A caminho de Lisboa, Leslie Howard passa por Madrid e toma chá com a «estréla» Conchita Montenegro e o realizador Florian Rey, nos Estúdios Sevilla.



Esta foi talvez a última foto de Leslie Howard: no Politeama, antes da sua conferência, ao lado do dr. Gustavo Cordeiro Ramos e de Rafael Seruya.

AS «estrélas» de Cinema — como tódas as grandes figuras da publicidade — têm duas vidas diferentes: a que consagram ao público e a que elas próprias vivem. A esta verdade correspondem duas maneiras de ser: a que exibem e a que realmente marca o seu carácter. Sem entrarmos em profundas congeminções de ordem psicológica, vamos dar aos nossos leitores uns apontamentos curiosos sobre as duas maiores figuras do cinema inglês — duas das maiores figuras do cinema mundial: Vivian Leigh e Leslie Howard. Ambos estiveram em Lisboa, e ambos, no seu itinerário de turistas, foram servidos pelo mesmo estabelecimento elegante. Quem é Vivian Leigh? O público sabe muito

VIVIAN LEIGH E LESLIE HOWARD

VISTOS NA INTIMIDADE, POR UMA "MANUCURE", UM CABELEIREIRO E UMA MASSAGISTA LISBOETAS...

bem: a intérprete genial de «E tudo o vento levou», da «Ponte de Waterloo», da «Batalha do Trafalgar»... Quem não sabia, porém, eram a «manucure» e o cabeleireiro que do «Palácio Azul» foram chamados telefonicamente ao quarto número tantos do «Avenida Palace», servir uma cliente...

— Quando entrei no hotel — conta-nos a «manucure» do «Palácio Azul» — a telefonista disse-me que eu ia servir uma actriz de cinema; creio que disse mesmo o nome, mas não liguei... Entrei no quarto, e vi, deitados em duas camas, a minha cliente e o marido; êle em pijama e ela em camisa de dormir côr-de-rosa. Pareceu-me muito novinha, e duvidei que fôsse realmente «estréla» de cinema, tão naturais e infantis eram os seus modos. Tem uma pele como nunca vi nenhuma, e umas mãos lindíssimas!

— E um cabelo sedoso, bem tratado, de um castanho-escuro e doirado com os reflexos da luz — esclarece o artista que a penteou.

— Só depois de a ter servido, e de ela se ter ido embora, é que a «reconheci» quando vi «E tudo o vento levou». Só então é que acreditei que aquela rapariga franzina, tão modesta e tão agradável, tão cheia de simplicidade, pudesse ser uma grande «vedeta» do Cinema de Hollywood. É que nós estamos habituadas, mal elas vão ao Lumiar, a vê-las com uma prôa insuportável...

O comentário tem razão de ser, mas marca a distância que vai de ser artista a ser parva, distância que algumas das nossas meninas-vedetas julgam não existir... O leitor certamente não sabia que Vivian Leigh, a grande «estréla» do filme mundial, usava camisa de noite côr-de-rosa e era afável e simpática para quem a serve; pois fica a saber, e diga às suas amigas que já filmam ou que pensam em filmar que nada há mais ridículo que a «pose» com que pretendem convencer-nos dos seus talentos.

Leslie Howard, o infortunado artista que safu de Lisboa para Londres em avião, e que morreu nessa viagem, pois o aparelho em que seguia foi abatido por «caças» inimigos, serviu-se da massagista daquele mesmo estabelecimento, em quem deixou uma profunda impressão que perdura ainda. O genial intérprete de «Intermezzo» comprou em Lisboa duas gravatas, última tarde em que viveu. Para isso, e para outras voltas que deu na nossa cidade, pediu a companhia da sua massagista — e é curioso que ainda hoje essa rapariga se emociona profundamente ao recordar a figura do grande actor, o magnetismo encantador da sua presença,

todo o encanto que dimanava da sua pessoa e subjugava infalivelmente quem com êle privava, forçando-o a aceitar o fluxo invencível da sua simpatia e da sua atracção pessoal. Não era bonito, nem sequer belo, no sentido vulgar destas expressões, aplicadas a um homem — mas possuía esse dom especial que atrai, que domina, que subjuga. É isto que pensa de Leslie Howard a massagista que o tratou, e que foi também a companhia das suas voltas de turista estrangeiro numa cidade desconhecida.

— Recordar-me-ei sempre dêle, por muito tempo que viva. E não me esqueço de que, poucas horas depois de me despedir dêle, êsse homem encantador e tão simples encontrou a morte, uma morte brutal e injusta, que êle não merecia...

Aqui está um triunfo pessoal do grande actor, que morreu talvez sem mesmo se aperceber do êxito que a sua irradiante simpatia determinou neste coração sensível de portuguesa, aberto à amizade e seduzido pela presença humana do grande astro do celuloide.



Vivian Leigh, uma simpática pequena que é uma grande actriz.

UMA EVOLUÇÃO OPERÁRIA

VAI DEITAR ABAIXO AS SÁIAS E
PROCLAMAR O FATO-MACACO
PARA TÔDAS AS CIRCUNSTÂNCIAS
DO TRABALHO FEMINÍNO!



o caso agitou o ruidoso bairro de Alcântara. A zona mais fabril de Lisboa, verdadeira colmeia do trabalho nacional, com as suas chaminés altas, enfumadas, os silvos das sirenes e numerosa população de «gangs», viu, há pouco, um rancho gracioso de jovens operárias de lancheiras e fato «macaco», a caminho de uma importante litografia, ali para os lados da Cozinha Económica. O exército da «ganga», que era todo de homens, consentiu, alegremente, que a mulher operária vestisse a sua indumentária.

E o caso fez furor. Houve ajuntamento para ver as raparigas, despenhadas, orgulhosas, com a calça larga a caminho do trabalho. A inovação de agora anda a envelhecer noutros países. A mulher que invade as oficinas, que traça plantas de arquitecto, que faz projectos de engenharia, que prepara nos laboratórios os reagentes químicos — que é, enfim, enfermeira, médica e aviadora, conhece bem a dureza do trabalho e os sacrifícios da vida. Luta e vence. Na América, a mulher é mineira, e desce às profundezas das rochas. Trepa por guindastes e sabe manejá-los na descarga dos porões.

Ora, como seria possível que essa mulher operária entrasse na oficina de sala pe'o Joelho ou de bata de bazar?

A oficina só consente um traje — a ganga — o fato «macaco». Dá ligeireza aos movimentos, afasta até o perigo dos correames traiçoeiros que enroscilham os corpos quando a fatalidade persegue o homem — e acaba com os olhos indiscretos e a guloseima mórbida daqueles que, ombro a ombro, trabalham com raparigas. Alcântara admirou-se. Mas de quê?

Não há modernismo, inovação, excentricidade como alguns presumiram: o que houve foi uma melhor compreensão das funções da mulher integrada no trabalho — porque o trabalho também requiere a sua personalidade. E, no trabalho da oficina, a «ganga» é que impera. É o orgulho do operário. Por isso estas gentis raparigas de Alcântara, que logo de manhãzinha saem de casa para ganhar o pão de cada dia e, na oficina, onde passam o melhor da sua mocidade, deram a tantas mulheres operárias que há em Portugal inteiro, o simpático exemplo de substituir as saias complicadas por uma calça de fato-macaco.

É o seu grito de emancipação uma atitude contra o preconceito, que não faz mal à moral nem à estética e facilita a sua função numa oficina.

O povo é a classe mais evolutiva de uma sociedade. É a que ascende sempre e cada vez mais, numa ânsia de ser ainda melhor.

E as raparigas de Alcântara, com a sua força de vontade e a sua coragem contra os risinhos marotos dos rapazes pimpões — mostraram ser capazes de cumprir tão bem como as estrangeiras a sua missão na fábrica e na oficina.

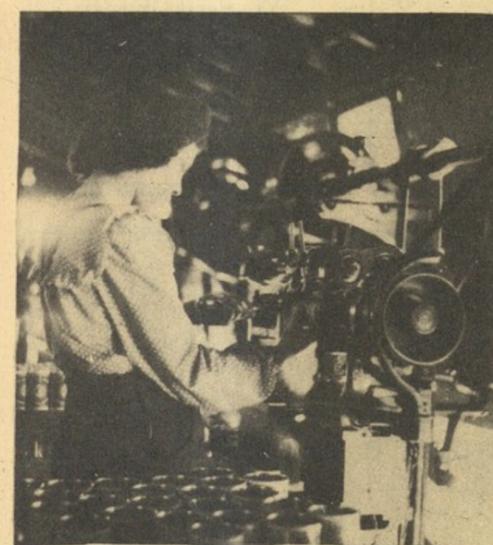
Sim, é o seu grito de emancipação das saias — se o homem as aboliu, por que não há-de a mulher fazer o mesmo? — e é, sobretudo, uma atitude que tódas as suas camaradas, novas e velhas, gordas e magras, devem imitar.



Dois graciosas operárias a quem o «macaco» fica bem. Parecem raparigas americanas... e, afinal, a fábrica é em Alcântara.



Atenção: isto não é equilíbrio — é uma tarefa de todos os dias. O mais pequeno descuido fará tamber aquele castelo... de lta.



A operária trabalha com a máquina com a consciência de boa artífice. A função não é, como se vê, das mais simples.



O trabalho tem destas coisas. É preciso trepar, ligeiras. Se não usassem calças, diga lá leitor, seria bonito uma mulher de saias numa altura destas?



A ALEGRIA DO TRABALHO TRANSPARECE NO ROSTO DESTAS RAPARIGAS

VON PAPEN

(Continuação da pág. 19)

ingleses conseguiram apoderar-se das provas irrefutáveis da sua cumplicidade na preparação do famoso «complot» que devia fazer saltar a ponte de Weiland. A cumplicidade de Franz von Papen nas revoltas fomentadas em várias repúblicas sul-americanas e na Irlanda aparecia também claramente estabelecida nesses documentos.

DEPOIS DA GUERRA E DA DERROTA

Com estes antecedentes compreende-se que Franz von Papen, quando da vitória dos Aliados em 1918, tenha abandonado transitória e qualquer espécie de actividade, pois era para ele da maior conveniência que o seu nome fosse esquecido. Passada a época heroica, como é geralmente classificava nos seus discursos, o período perturbado que a primeira conflagração mundial preencheu, Franz von Papen desapareceu para se entregar exclusivamente ao seu desporto favorito: a equitação. O seu casamento com uma senhora excepcionalmente rica, Madame von Boch, deu-lhe uma possibilidade inesperada de entrar no mundo dos negócios. As valiosas propriedades que o casal possuía no Sarre passaram a absorver, a partir de certa altura, a atenção de von Papen. Apparentemente, a politica não o interessava.

A república de Weimar estava então no seu apogeu. Franz von Papen aparecia raramente nos salões do Herrenklub (o clube dos senhores) de que era sócio categorizado. Mantinha relações de estreita amizade com a antiga aristocracia prussiana, com os grandes proprietários rurais da Prússia Oriental, com os chefes da nova Reichswehr e com os magnates da industria da Westfalia, do Ruhr e do Sarre. Este conjunto de ligações havia, mais tarde, de constituir a principal justificação do êxito inesperado da sua carreira politica.

Um encontro com o general socialista Schleicher, que era nessa altura o verdadeiro chefe do exército e cuja predilecção pelas intrigas politicas se tornara notória, decidiu do seu destino durante o período que precedeu o advento do nacional-socialismo. Foi, graças à intervenção activa de ambos, que caíram, sucessivamente, em desgraça, os generais von Seeck e Groener e os chanceleres Müller e Brüning.

Pouco a pouco, graças aos apoios de que dispunha, à medida que a coligação de Weimar se dissolvia, a reputação de Franz von Papen aumentava e aumentava com ela, o seu prestigio. Por alturas de 1930, o seu nome era invocado como uma esperança pelos elementos conservadores da Alemanha que não desejavam ingressar no movimento nazi mas não se mostravam dispostos a que continuassem confiados a outras mãos os destinos da nação alemã.

A AMIZADE DO PRESIDENTE HINDENBURGO

No jogo de Franz von Papen havia, porém, um trunfo decisivo: era a amizade incondicional do velho presidente Hindenburg. E nessa amizade que deve procurar-se a escolha do antigo adido militar alemão em Washington para a chancelaria do Reich, em 1932, quando o marechal resolveu afastar o chanceler Brüning e nomear um governo de autoridade apoiado nas forças da agricultura, da industria pesada, da aristocracia e das organizações ultranacionalistas.

Quando Papen se demittiu, em Novembro daquele ano, Hindenburg escolheu para presidir ao novo governo o mais cordial dos seus adversários, o general von Schleicher. Esta escolha irritou profundamente Papen, que resolveu, desde logo, tornar impossível a vida do novo gabinete. Não foi muito difícil dar expressão prática ao seu desejo.

Para se conservar no poder, Schleicher procurou uma aliança com os dirigentes dos sindicatos operários, Lelpar e Strasser. Esta atitude levantou contra ele precisamente os meios que Papen mais hábilmente sabia manobrar. Era o momento em que a fermentação politica na Alemanha atingia aspectos de um verdadeiro paroxismo. Ninguém sabia com o que contava. As intrigas enxameavam entre a força armada e no Reichstag, nas ante-câmaras ministeriais e no palácio presidencial.

A força nazi afirmava-se vigorosamente, embora as suas vitórias eleitorais não correspondessem à verdadeira força de que o partido dispunha no país. Foi então que Papen teve a idéa de fazer uma aliança com o nacional-socialismo, a fim de canalizar o seu dinamismo nas fórmulas tradicionais da aristocracia e dos agrupamentos e interesses de tipo conservador.

A ALIANÇA COM HITLER E O MAIS QUE SE SEGUIU

Em 30 de Janeiro de 1933, graças ao apoio de Papen, que influíra decisivamente no espirito de Hindenburg para que este chamasse ao poder o chefe do nazismo, Hitler entrou solenemente na chancelaria do Reich. Mas o governo que ele constituiu não era, de maneira nenhuma, um governo partidário. Dêse governo faziam parte, e até em maioria, elementos representativos das forças que tinham encontrado em Papen um intérprete dos seus interesses e das suas aspirações. A este último coube o posto de vice-chanceler que, como os factos não tardariam a demonstrar, seria rapidamente suprimido.

Não demorou muito tempo para que os seus cálculos se revelassem inteiramente errados. Quando, em seguida ao incêndio do Reichstag, a onda nacional-socialista submergiu, à Alemanha e aos dirigentes do partido foram entregues as alavancas do comando, Papen pôde aperceber-se da gravidade do erro que havia cometido. O discurso moderado que proferiu em Marburg, discurso redigido pelo seu secretário, o conhecido jornalista alemão Jung, o qual no momento representava uma condenação do regime nacional-socialista, ia-lhe custando a vida. Jung foi morto durante a repressão de 30 de Junho de 1934, e Papen, para escapar, teve que se acolher à sombra protectora do marechal Presidente.

O dilema que lhe foi pôsto, resolveu-o Franz von Papen com o seu conhecido espirito de improvisação. Era indispensável que ele escolhesse entre uma adesão incondicional ao regime novo, que tanto contribuiria para estabelecer, e o afastamento completo de toda a actividade politica. Papen escolheu o primeiro dos caminhos que o destino lhe offeria. Embaixador em Viena e em Ankara, foi-lhe possível apressar a realização do Anschluss e travar, até final, na capital turca, um duelo vitorioso com o seu colega inglês, Knatchbull Hugessen. A sua última missão diplomática de relevo, embora não tivesse sido coroada por um êxito absoluto, também não deve considerar-se como um malogro. E ainda cedo para dizer se von Papen, agora feito prisioneiro pelos americanos, considera encerrada definitivamente a sua carreira aventureira.



Na semana passada, o sr. embaixador dos Estados Unidos, sr. dr. Herman Baruch, ofereceu a algumas altas individualidades um passeio num quadrimotor dos transportes das Forças Aéreas Americanas. Na foto, vemos no primeiro plano o avião que serviu de transporte aos convidados do sr. embaixador e, ao fundo um outro aparelho, dos mesmos serviços, no momento em que eram abastecidos no aerópôrto de Sacavém.



OATINE

Os célebres cremes ingleses OATINE CREAM e OATINE SNOW de fama Mundial, restauram e mantêm o encanto juvenil da pele

Pó d'Arroz
Sabonetes
Perfumes



À VENDA NAS
CASAS DA ES-
PECIALIDADE



ÊXITO ABSOLUTO!
Muitos milhares de exemplares vendidos logo no primeiro dia! Uma publicação única no seu género em Portugal! Novelas, reportagens, casos de espionagem, problemas policiaes portugueses e estrangeiros, etc. 32 páginas de leitura emocionante! Uma sugestiva capa a 3 côres!

Avulso: 2\$50
«DETECTIVE», apesar do seu preço, é distribuído gratuitamente a todos os assinantes de «Vida Mundial Ilustrada». Um beneficio como nunca se fez em qualquer publicação! Aproveite esta vantagem: assinete esta revista — e pelo preço de uma publicação, receberá duas! Pedidos de assinatura: Rua do Emenda, 69, 2.º — Lisboa.

O MELHOR baton
MARLICE

ESCOLA "PAIXÃO"

Corte, Costura e Chapéus
Rendas e Bordados

Habilitação completa em todo o genero de trabalhos.
Cursos diurnos e nocturnos.
Envovais de noivas, blouses e fatinhos de criouças são os modelos e desenhos exclusivos da Escola Paixão.

AV. ALMIRANTE REIS, 58, 3.º, ESQ. — TELEF. 52726

de Semana a Semana



OS 87 ANOS
DE
**GUALDINO
GOMES**

A gente de teatro, das letras, da boémia nocturna, dos cafés, conhece-o muito bem: Gualdino Gomes, o seu chapéu, o seu espirito chistoso, os seus ditos de crítica são já simbólicos e lendários. Esse homem que, da platéia, com um dito chistoso fazia cair peças e derrubava ídolos, fêz agora 87 anos e pensa e diz como se fôsse um rapaz — um rapaz maduro e com um conceito de vida superior ao seu chapéu, está claro...

Gualdino, símbolo de um tempo que, infelizmente, não é o nosso — e o nosso é muito pior, temos de convir — que escreveu e criticou, que Lisboa inteira conhece, foi alvo de uma singela homenagem. Meia dúzia de amigos — lá estiveram Abel Manta, Ribeiro Couto e António Lino, entre alguns outros — juntaram-se no «Montanha» e ofereceram-lhe um jantar íntimo que decorreu entre chávenas de chá, vinhos capitosos e o bom humor do autor de «Dia Longo»...



Mário Beirão, poeta de altíssimo valor, cativante na sua simplicidade, afastado dos meios insensórios, não pôde agora furtar-se a uma justa homenagem, vinda de quem tinha valor para reconhecer o mérito dos seus versos e as virtudes do seu carácter. E, assim, lá esteve no «atelier» de Francisco Franco, um grande escultor que lhe moldou em bronze um busto que é um poder de expressão, oferta de um grupo de admiradores do poeta. A sua roda juntou-se muita figura do nosso meio intelectual e artístico — votos sinceros, homenagem espontânea de um pequeno mundo de «élites», traduzidos em presenças que falarão por si e pelas muitas ausentes, os muitos que admiram Mário Beirão e não puderam comparecer.



Realizaram a sua «festa artística» os rapazes da Escola Superior de Medicina Veterinária — para não dizer, antes, os rapazes do 5.º ano, que se despedem, simbolicamente, da vida alegre de estudantes e se preparam para uma vida mais «séria» e de responsabilidades. A festa efectuou-se no Capitólio e o programa, de uma graça particular, cumpriu-se e agradou em cheio.



Foi uma festa muito expressiva essa que se realizou no Aviz Hotel, promovida pelo Instituto de Alta-Cultura, em honra do Prof. William Entwistle, um grande amigo de Portugal, muito dentro do conhecimento da nossa língua e da nossa literatura, que esteve agora entre nós para realizar uma série de conferências e receber o grau de Doutor «Honoris Causa», pela Universidade de Coimbra.



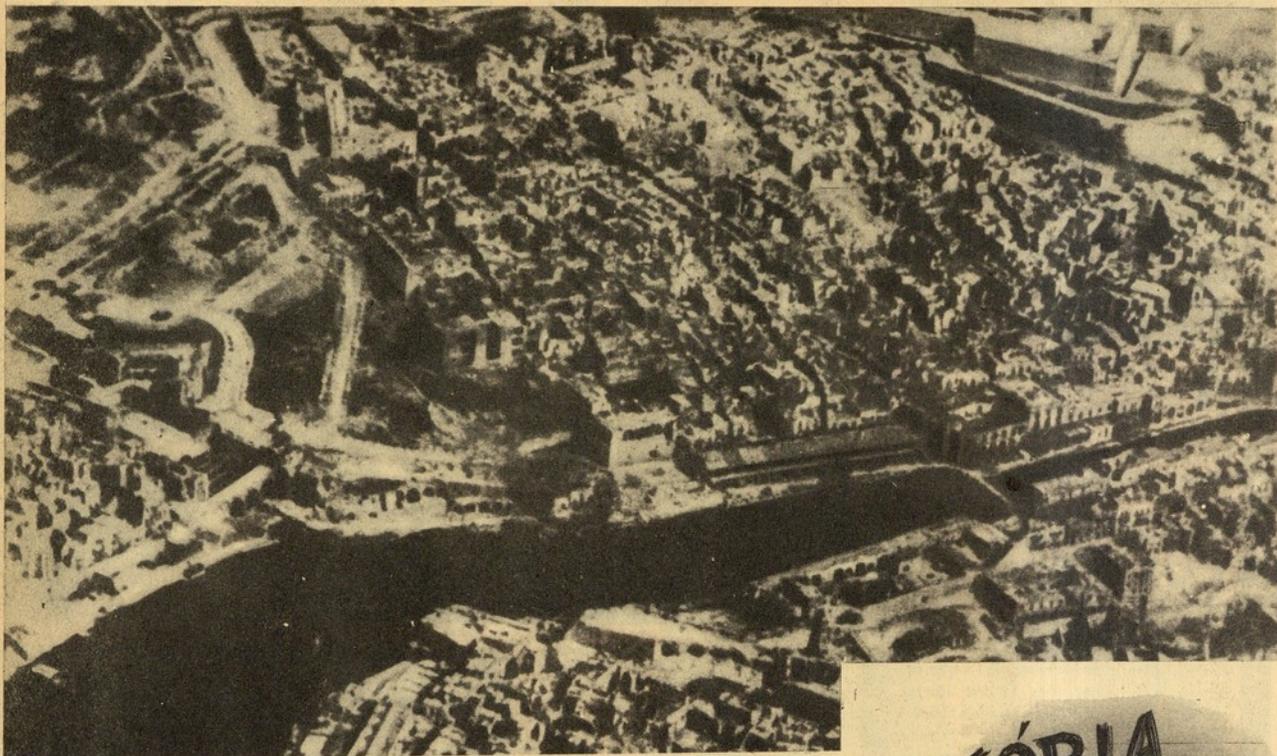
Encheu-se a sala nobre da Associação Comercial de Lisboa, para ouvir, há dias, o sr. dr. Sousa Lara falar de «Um exemplo de colonização» — a convite da Sociedade de Ciências Económicas. A conferência foi presidida pelo sr. engenheiro Sá Carneiro, sub-secretário de Estado das Colónias, e o conferencista, que abordou alguns dos mais instantes problemas de Angola, foi muito cumprimentado pela numerosa assistência.

É ÉSTE
O LIVRO
QUE VOCÊ
JÁ DEVIÁ
TER LIDO...



UM ROMANCE VIBRANTE
VIVIDO NA ANGÚSTIA DA
FRANÇA SOB A OCUPAÇÃO!

UM ROMANCE DE AMOR
UM ROMANCE DE IDEIAS
UM ROMANCE DE HOJE!



UMA VISTA PARCIAL, TIRADA DE AVIÃO, DA ILHA DE MALTA, A INVENCÍVEL FORTALEZA BRITÂNICA DO MEDITERRÂNEO.



mês de Outubro de 1942 começou excelentemente para as forças britânicas que se encontravam no Egipto. As duas armas aéreas rivais mostraram-se nos primeiros dias daquele mês particularmente activas, o que era sinal certo de que alguma coisa se preparava. No dia 2 os ingleses abateram seis aparelhos da Luftwaffe, sem terem sofrido perdas. Mas logo

em seguida as condições atmosféricas pioraram e a arma aérea teve de limitar a sua acção. Logo que o tempo melhorou, a R.A.F. voltou a atacar intensamente os centros de comunicações e abastecimentos do Eixo. Com a R.A.F. colaboravam formações aéreas americanas, gregas e sul-africanas.

No dia 9, o número de aviões do Eixo abatidos elevou-se a vinte e quatro. A actividade da aviação aliada não se limitava, porém, ao território do Egipto e da Líbia. No dia 11, bombardeiros pesados americanos atacaram um comboio inimigo fortemente escoltado, afundando algumas unidades (contra-torpedeiros) da escolta e alguns dos navios mercantes que o compunham. A intervenção dos «Messerschmitts» não evitou o afundamento.

Mas a aviação do Eixo empreendera, simultaneamente, uma grande ofensiva aérea contra Malta, a ilha do Diabo, como lhe chamavam os aviadores italianos. Depois de um mês de relativo descanso, a população da ilha voltou a conhecer o peso dos ataques incessantes e mortíferos. Precisamente naquele dia 11 de Outubro, a Luftwaffe atacou, em condições inesperadas, e deparou com

uma resistência inesperada também. Tanto as esquadrilhas de «Spitfires» como a artilharia anti-aérea desenvolveram grande e profícua actividade. Durante uma semana, aproximadamente, o ataque continuou, em nada diminuindo a sua intensidade. No final dessa semana, os resultados conseguidos não compensavam, de maneira nenhuma, as perdas sofridas, as quais aumentavam incessantemente à medida que aumentava a intensidade do ataque. Sobretudo a experiência daquela semana revelara que a defesa da ilha fora extraordinariamente reforçada e que os aparelhos do Eixo não podiam, como anteriormente acontecia, aproximar-se dela impunemente.

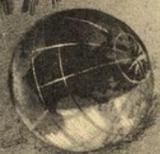
O ATAQUE DA AVIAÇÃO DO EIXO A MALTA

Nessa semana, a aviação do Eixo tinha perdido 114 aparelhos. No dia 18, uma formação de 90 «Messerschmitts» dirigiu-se para a ilha, mas ao pressentir os «Spitfires» retirou-se. No dia seguinte, esclarecida pela lição dos acontecimentos recentes, a Luftwaffe ensaiou um novo método de combate. Os caças-bombardeiros da Luftwaffe atacaram em massa os aeródromos da ilha, mas foram obrigados a retirar-se perante o ímpeto do contra-ataque da caça britânica. Na retirada os aviões alemães lançaram no mar a maior parte as cargas que transportavam. Depois deste malogro a Luftwaffe diminuiu a intensidade dos ataques à ilha que parecia decidida a repellar os assaltos mais bem planeados e conduzidos.

Até ao fim de Outubro o número de aparelhos atacantes e o peso das cargas lançadas diminuíram constantemente. Em 29 daquele mês registou-se na ilha um dos dias mais tranquilos desde o início das hostilidades. Isso não impedia que as últimas semanas tivessem sido excepcionalmente duras e

HISTÓRIA da nova GUERRA MUNDIAL

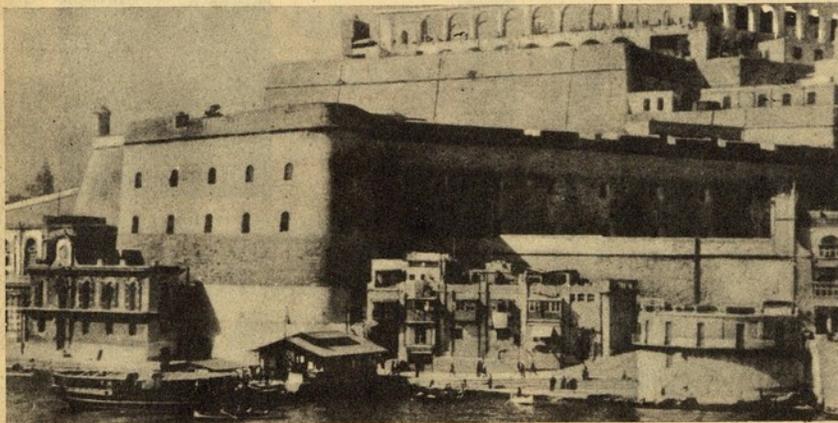
POR CARLOS FERRÃO



que com elas não tivesse sofrido principalmente a população civil. O número de baixas registado era bastante elevado e grandes os estragos materiais que se registavam por toda a parte. Mas nem o moral da população fora atingido, nem se demonstrara que era possível tentar com êxito um desembarque no litoral de Malta. E sem essa operação dificilmente seria possível eliminar aquele espinho cravado no flanco das posições ofensivas do Eixo no Mediterrâneo.

Nem sequer os alemães e italianos haviam conseguido, com a intensidade dos ataques registados durante o mês de Outubro, impedir que de Malta continuassem a levantar vôo os aparelhos da R.A.F. que incessantemente atacavam a navegação do

(Continua na pág. 18)



UM ASPECTO DO PORTO DE MALTA, UM PODEROSO BALUARTE ALIADO NO CAMINHO DO ORIENTE E PONTO DE PARTIDA PARA OS ATAQUES À EUROPA.



Não era só preciso pensar nos abrigos dos homens. Os gados — aqui está um camelo — também tinham o seu abrigo, contra os constantes bombardeamentos.



A Cidade Proibida — porque é só para chineses — também tem clubes nocturnos onde, por certo, os europeus conferencistas gostarão de passar algumas horas. Aqui está um camarim cheio de lindas flores orientais.



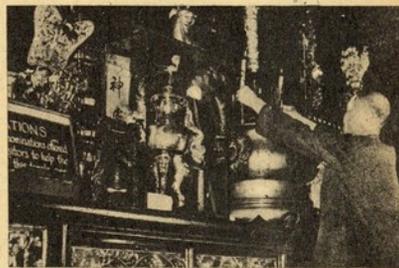
O chinês alimenta-se mal e vive mal alojado. Por isso a tuberculose é a pior inimiga da população infantil. E, então, as clínicas montadas, dirigidas e mantidas pelos chineses têm o papel fundamental na formação destes cidadãos americanos.



Mas nem tudo é revolução de costumes: as chinesas de S. Francisco da Califórnia, não obstante serem operárias em fábricas que trabalham para a guerra, não deixam de comer o seu arroz com dois pausinhos...

O BAIRRO CHINÊS DE S. FRANCISCO CENTRO DO MUNDO ONDE VAI DICIDIR-SE O DESTINO DOS HOMENS

ESTÁ marcado para hoje o início dos trabalhos inter-aliados, preparatórios da grande Conferência da Paz. O mundo concentra hoje os olhos naquele pedaço de terra, incapaz, já agora, de comportar quantos pensaram em instalar-se all por três meses e viver à sombra da conferência. As brigadas de cineastas, os transportes, os escritores e jornalistas, os turistas, os comerciantes de ocasião, os teatros, os homens de negócios e de indústrias — todo o mundo, todas as organizações se voltaram para S. Francisco, idos da América e das cinco partes da Terra. Há muitas semanas que não existe um lugar nos hotéis e pensões, os restaurantes extravasam. São Francisco é um formigueiro humano: uns vão para pensar e resolver problemas sérios de projecção mundial — outros vão para pensar e resolver os seus casos pessoais e, outros, ainda, vão para ver, sob um céu meridional, a ponte de S. Francisco, as suas fábricas e monumentos, os seus pomares, os seus «bars» e os seus «cabarets» magníficos, os seus bairros exóticos, como este dos chineses. Fugiremos, assim, com o leitor, até ao bairro mais pitoresco de S. Francisco — a cidade chinesa, a Chinatown's — um mundo oriental sob o signo do Ocidente, onde o tubo «néon» se mistura com a lanterna asiática. Aqui está...



Os jovens são quasi todos cristãos. Mas, em Chinatown's há ainda dois templos budistas, principalmente frequentados por velhos colonos e turistas.



As mulheres chinesas, de penteado à europeia, aprenderam com as americanas esta coisa simples, num encontro de rua, a caminho do «cabaret»: lume, faz favor?



Aqui está uma doença contagiosa: a dos cabelceteiros... En Chinatown's, também pegou a moda dos penteados europeus.



O soldado chinês que luta incorporado no exército americano — a Legião Americana — também é doído pelas «pin-ups girls»... chinesas, já se vê...



Uma instituição universal: a casa de penhores... Lá, porém, é afrontoso que o freguês mostre ao penhorista a cara afilta. A máquina fotográfica passa por baixo do «gucheta» e o cliente está por detrás da rede... tapada!

História da Guerra

(Continuação da pág. 16)

Eixo, obrigada a atravessar as paragens perigosas do Mediterrâneo no seu caminho para os portos da Líbia. A resistência de Malta continuava a ser, apesar das circunstâncias difíceis em que se realizava, um dos factores decisivos que condicionavam a estratégia dos dois beligerantes naquela zona vital para o prosseguimento e para a decisão da guerra.

A ACTIVIDADE DOS SUBMARINOS INGLESES NO MEDITERRANEO

Entretanto, os submarinos ingleses continuavam a mostrar-se particularmente activos no Mediterrâneo, atacando a navegação inimiga. No dia 5 de Outubro o Almirantado anunciou que haviam sido afundados pela acção dos submarinos 16 navios mercantes do Eixo. Em 16, uma nova declaração do Almirantado referia-se ao afundamento de outros sete navios de tonelagem diversa. Em 21 foi anunciado o afundamento de quatro outros navios.

Os ataques incessantes contra Malta não pareciam prejudicar a actividade nem dos submarinos britânicos, que tornavam extraordinariamente difícil a passagem naquelas paragens para os navios do Eixo, nem dos aparelhos aliados de longo raio de acção que operavam nas vizinhanças de Creta, da Cirenaica e da Marmarica.

Esta batalha, a que poderemos chamar dos transportes, ficou como um dos mais audaciosos «tests» de força e de competência entre a R.A.F. e a Luftwaffe. De facto, as dificuldades em abastecer o corpo expedicionário do marechal Rommel tinham uma repercussão directa e imediata na condução das operações no norte de África. O abastecimento das forças do Eixo que se encontravam no Egipto revelava-se cada vez mais precário para os países totalitários, ao passo que os anglo-americanos, utilizando as suas rotas de navegação, mais extensas mas mais seguras, continuavam a despejar toneladas de abastecimentos e material de toda a espécie com que alimentavam as forças do 8.º Exército e faziam dele um temível instrumento militar.

Multiplicavam-se os sintomas de que, no norte de África, se preparavam grandes acontecimentos. Embora a linguagem da imprensa britânica se mostrasse particularmente cautelosa, era evidente, para todos os observadores da situação, que esta não tardaria a sofrer uma alteração radical, a qual podia influir poderosamente no próprio curso da guerra, abreviando a sua duração e dando aos Aliados uma posição que eles até essa altura não tinham podido alcançar.

NAS VÉSPERAS DA BATALHA

Mas as forças da Luftwaffe e da Régia Aeronáutica até então empenhadas nos ataques contra Malta e na protecção aos combóios iam ser completamente absorvidas pela batalha que se preparava. No dia 19 de Outubro registou-se um recrudescimento significativo de actividade aérea por parte dos ingleses no deserto do Egipto occidental. Uma grande parte da R.A.F. posta à disposição do comando do 8.º Exército iniciou um ataque implacável e constante aos aeródromos, aos locais de concentração de tropas e aos transportes do inimigo.

Até 23 esse ataque prosseguiu com uma intensidade cada vez maior e com objectivos claros e determinados. Durante a noite, as retaguardas de Rommel eram objecto de ataques sucessivos, os quais se alargavam até às bases africanas e italianas de onde partiam os abastecimentos destinados ao corpo expedicionário germano-italiano.

Na noite de 22 para 23 de Outubro passou-se um facto que foi considerado como um sintoma claro de iminência do ataque aliado em África. Uma grande formação de bombardeiros da R.A.F. partida das suas bases na ilha britânica atravessou os Alpes e lançou as suas cargas sobre o porto de Genova de onde partia a maior parte dos abastecimentos destinados à Sicília e à África. Este ataque foi coroado de pleno êxito. A noite fora excepcionalmente favorável e a reacção da artilharia anti-aérea local revelou-se fraquíssima.

Na noite seguinte novas formações de bombardeiros partiram das bases metropolitanas e dirigiram-se a Savona e a Turim, que foram igualmente atacadas com extrema violência. A rádio de Roma referiu-se aos estragos provocados por estes ataques em termos que não deixavam dúvidas sobre a sua eficácia. A arma aérea inglesa estava a preparar o terreno que devia ser percorrido rapidamente pelas suas forças terrestres prestes a desencadear a grande ofensiva que devia conduzi-las ao fim de algum tempo a uma vitória total em África.

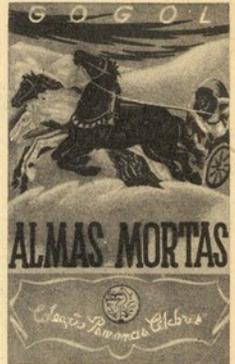


O PÓ DE ARROZ MATITÉ, único sem Talco, fabricado em lindíssimas cores naturais, caracterizado pelo sua finíssima e impalpável composição, aderindo perfeitamente, por igual, tem a sua reputação assegurada pela preferência que lhe concedem os mais bellos mulheres. O PÓ DE ARROZ MATITÉ, verdadeiro vivificador das células cutâneas, tem a particularidade de resistir às inclemências do tempo.

LT. PIVER



OS LIVROS DO MOMENTO



Se Cervantes falou ao mundo pela boca de D. Quixote, GOGOL utilizou Chichikov para exprimir os seus íntimos sentimentos. Por isso se diz que as ALMAS MORTAS são o D. Quixote russo. Um esplêndido volume de 412 páginas — Preço 25\$00



«A REVOLTA» é actualmente o romance de maior sensação. Distinguido com o «Prémio de Literatura Colonial», é seu autor Fausto Duarte, pertencendo a edição à Livraria Latina Editora, do Porto.



BERNARDINO MACHADO
MEMÓRIAS

O autor desta obra, numa linguagem cintilante, procura focar os aspectos que melhor nos dão a conhecer o que foi a vida deste notável político e homem de letras. É uma edição da

LIVRARIA FIGUEIRINHAS
Porto

Ouvir um Luxor é um prazer!

Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 24888



O MESTRE DAS COZINHEIRAS é um livro que as boas donas de casa não dispensam por ser um precioso e útil auxiliar. Foi editado por EDIÇÕES UNIVERSO, L.ª — 102, Rua da Misericórdia, 104.

DOS POETAS E DAS POESIAS

* Miguel Torga, altíssimo valor das letras portuguesas, modesta vida passada na Tebalda, desce às vezes até ao povoado a oferecer à gula dos sedentos, como aquele bom abade Gaucher, os frutos do seu talento. Não bate à porta dos míseros mortais, não pede publicidade, não oferece retratos. No alto do seu promontório, Miguel Torga pensa, sonha, vive, escreve, edita os seus livros — e não faz como outros que procuram primeiro a glória, depois as razões que a geraram — e aí dêles, que muitos cabotinos não chegam a alcançá-la!

Não, Miguel Torga, altíssimo poeta e altíssimo prosador, não se conhece pela publicidade à sua roda: impõe-se pelo seu nome — ou, antes, pela sua obra, rica de humanidade e de poesia. «Libertação», o último livro de poesias de Miguel Torga, é um canto cheio de luz e de beleza rítmica, escrito em moldes clássicos — porque a escola, a regra, a disciplina de forma não impedem o poeta de dar livre expressão ao seu estro e ao seu valor. Há aqui tão belos, profundos e cadenciados versos como nas mais representativas colectâneas da poesia. A edição é de Coimbra Editora.

* Os jornais festejaram a chegada desta nova poetisa, com um entusiasmo desusado e alvitreiro: chama-se Maria Teresa Andrade Santos e publicou um livro, de mais cem páginas de versos com o título de «Romagem». Maria Teresa Andrade Santos, ao que nos dizem, é ainda muito jovem. Os seus versos, de resto, traem essa juventude simpática, ainda não independente, do ponto de vista que abrange o mundo, os homens e o seu julgamento. Mas os caminhos de Maria Teresa não são errados. Segue por onde deve e, por isso, as suas idéias ou os temas que a sua poesia procura são profundamente humanos. A poetisa sabe sentir e ergue-se acima do meio de preocupações que em geral é abrangido pelas senhoras que entre nós versejam. Por isso, saudamos Maria Teresa e esperemos dela uma libertação absoluta de forma e de idéias — duas condições que hão-de vir-lhe com alguns anos mais. (Edição da autora).



*** Está no prelo, devendo sair brevemente, mais um notável trabalho do dr. Damião Peres, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra — «D. Pedro V nas páginas do seu «Diário Íntimo».

*** O jornalista Manuel Nunes recolheu os episódios mais curiosos da carreira policial do chefe Pereira dos Santos e reuniu-os em livro, a que deu o título de «Memórias de um chefe de polícia». Deve sair em Maio.

*** O dr. Fernando Pires de Lima vai publicar «O Amor na quadra popular portuguesa», álbum de estudos folclóricos.

*** A «Inquerito» vai editar «Os românticos antepassados de Eça de Queiroz», um novo trabalho de Rocha Martins.

*** Assis Esperança está a ultimiar o seu primeiro romance de uma série que vai publicar sobre o trabalho da mulher, e que se intitula «E a noite não acaba».

*** Teixeira de Aragão escreveu «Plano à boca da noite», um romance que aparecerá ainda esta temporada.

*** A «Inquerito» vai publicar, em tradução do dr. Casais Monteiro, «Platão», com um longo e valioso prefácio.

*** A Livraria Civilização, do Porto, apresentará, em breve, «Grandezas e Misérias do Espírito», um volume de impressões e críticas de arte, escrito pelo dr. Joaquim Costa.



D. JOÃO DE CASTRO

«Portugal Amoroso» é o título sugestivo que D. João de Castro deu ao seu novo volume de episódios históricos romaneados. Escritos em linguagem quente e castigada, há nestas páginas algumas das mais lindas e evocativas histórias de amor e de ternura. O primeiro episódio fala-nos dos amores de D. Afonso com D. Sancha, esposa de um seu sobrinho, referindo-se o último episódio a um caso que muito bem poderia ter sucedido em nossos dias — talvez, até, seja um caso igual a muitos outros episódios de nossos dias. Com este livro, pois, D. João de Castro quis — e pôde — mostrar-nos a evolução do amor através do tempo e, até, da linguagem e reacções, em relação ao meio em que se revela e vive a sua vida de tragédia



AUGUSTO RICARDO

Augusto Ricardo pegou em alguns volumes famosos da literatura inglesa, estudou-os na sua essência e na sua forma, rebuscou quanto pôde a respeito dos seus autores e associou biografias e obras. Assim compôs um pequeno volume a que deu o título de «Figuras da Literatura Inglesa», editado pela Editorial Minerva e que, se não vale pela extensão, impõe-se pelo assinalável critério posto num trabalho de vulgarização, sem outros intuitos, como o autor afirma, que não sejam esses mesmos: esboçar, em referência a cada personalidade, simples notas elucidativas, destinadas a servir de fulcro a obra conclusiva. Como, porém, de «conclusivo» nada existe — pode desde já afirmar-se que o livro de Augusto Ricardo ficará como um bom elemento de consulta e de divulgação para quantos estiverem menos aptos a tomar contacto directo com a literatura inglesa.



JOSÉ LUÍS RIBEIRO

JOSÉ Luís Ribeiro, esse sempre jovem «Pepe Luis» dos toiros e toiradas, é próprio uma opinião e um conceito tauromáquicos, escreveu mais um livro: «Fado, mulheres e toiros» — um trabalho cheio de cor, de pitoresco, a escurrer alegria de arenas, sem lhe faltar, aqui e ali, uma nota sentimental. «Fado, mulheres e toiros», evocação, passado e presente fundidos no mesmo entusiasmo, escrito com o ardor de um coração moço e generoso, é um dos melhores livros de «Pepe Luis» — de José Luís Ribeiro, uma autoridade indiscutível.

ou de indiferença, consoante esse mesmo tempo e esse mesmo meio.

NOTAS DE ESTREIA

“LADY KITTY”

A nova peça do Trindade

O teatro inglês continua a estar no gosto das empresas. E dizem no gosto das empresas — porque não sabemos se o está na preferência do público, na maioria das vezes. Por nós, que nos consideramos público com dois olhos e alguns miolos, preferimo-lo a muito outro que nos tem sido enviado do estrangeiro, sem nenhuma razão que o imponha. Esta peça, que foi escrita em inglês e representada em português, é uma deliciosa «boutade», uma mistura de coisas sérias tratadas a sorrir e de coisas sorridentes tratadas a sério — uma peça que, se fôsse escrita em português, não seria representada em português... nem inglês, está claro.

«The circle», um êxito reposto agora em Londres, escrita por Smorset Maugham e traduzida por António Lopes Ribeiro, vai, no entanto, segundo supomos, constituir um pequeno êxito — não pela inferioridade do espectáculo, mas pela simples razão de que o público, desta vez, não se interessou, contra a opinião da empresa, dos actores e da crítica. Peça de mordaz comentário à sociedade, peça de costumes, «Lady Kitty» vale pela graça do diálogo e pelo espírito das «idéias».

* Na interpretação, em primeiro lugar, deve ter citação a feminina — só porque é feminina: Lucília, num papel bem ao seu feitio, na protagonista, foi a frívola mulher de sempre — alheia ao tempo e à idade; Maria Lalande, uma sonhadora «Elisabeth», torturada pela fantasia, foi humana e viveu bem a sua personalidade; Maria Brandão, num papelito sem importância, teve linha — uma linha elegante que nem todas as nossas artistas possuem para este género de papéis. Nos papéis masculinos, gostámos, francamente, de Villaret, num espócio inconsciente; depois, Nascimento Fernandes, na carcaça de um passado brilhante — embora convencionalmente um «dandy»; e, ainda depois, António Silva, que atraíra a sua presença. A sua excelente mímica com uma voz

UMA ÓPERA ESQUECIDA... OU TALVEZ NÃO!



ONIZETTI — autor, por exemplo, de «Lúcia de Lamermoor» e da «Favorita» — morreu há cem anos. Para assinalar o facto, representou-se, em Paris, «Dom Pasquale» que, depois da sua estreia, nunca mais fora ouvida na capital francesa. Sabem por quê? Por esta coisa simples: porque não havia tenores que a cantassem...

Pois, a ópera reapareceu — e fez furor. Vencendo todas as dificuldades, apresentou-se no Palácio de Chaillot um grande cantor espanhol: Luis Mariano. Aqui o vemos na foto, ao lado de Vina Bovy, uma cantora do céu brilhante da França.

enfática que não nos pareceu bem; Igrejas Caieiro mais à vontade do que habitualmente — mas todos muito pouco frios «lords»...

* A peça, muito bem ensaiada por Francisco Ribeiro, vale, ainda, pela montagem, cenários e pela forma como está vestida. Lalande, mal calçada no 1.º acto, podia ter escolhido para grande «toilette» uma cor que menos se apagasse com as paredes. — J. M.

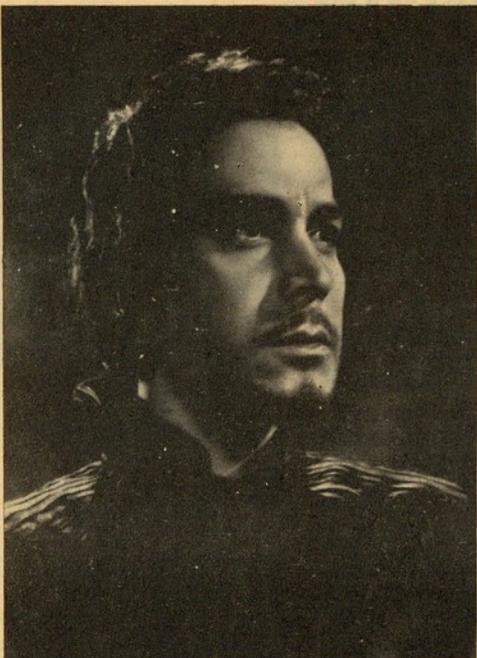
AVTO DA PASTORA PERDIDA E DAVEIHA GAITERA

ESCREVEV SANTIAGO PREZADO

PARA SE REPRESENTAR NAS MATINAS DO NATAL

EM LISBOA - ANO DE 1944

TIRAGEM LIMITADA DE 500 EXEMPLARES, SENDO 150 EM PAPEL OFFSET NUMERADOS E RUBRICADOS PELO AUTOR, E 350 EM PAPEL AZERGOADO ESPECIAL. A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS EDIÇÃO DA SEARA NOVA



ANTÓNIO VILAR, O QUE RENUNCIÓU AOS TOIROS...

margem de todos os filmes há sempre histórias saborosas, que ficam a maior parte das vezes confinadas a esse pequeno mundo que se agita no estúdio—e que logo as esquece, em proveito de outras mais recentes. O acaso pôs-nos, há dias, diante de António Vilar e de Erico Braga, intérpretes de «Inês de Castro». E pedi-mos-lhe que nos recordassem alguma péripécia pitoresca, desenrolada durante as tomadas de vistas do grande filme de Leitão de Barros. António Vilar e Erico Braga não se fizeram rogados. E contam-nos, assim, respectivamente, a história de uma corrida falhada e o episódio que Erico denominou o «Drama do Falcão Perigoso».

...E NAQUELA TARDE NÃO FUI AOS TOIROS!

TEM A PALAVRA ANTÓNIO VILAR. O GRANDE TRIUNFADOR DE «INÊS DE CASTRO» COMEÇOU ASSIM:

— Esperei impacientemente aquêl domingo. O «cartel» era tentador: Manolete, «o Monstro!» Em Madrid não se falava noutra coisa. A corrida fôra o assunto da semana. Os bilhetes disputavam-se a péso de ouro. E eu conseguira, finalmente, por 300 pesetas, uma barreira do 9. Naquela manhã, como bom «aficionado», exultava, na perspectiva de tarde emocionante que se avizinhava. Madrid ardia à luz do sol de Agosto. E tinha justamente acabado de almoçar, quando Leitão de Barros apareceu no hotel e me disse, simplesmente:

— O plano de trabalho foi alterado. Amanhã, vamos filmar uma das cenas capitais do filme: o teu encontro com os assassinos de Inês. É uma cena intensamente dramática. E de duas uma — ou a fazes bem e triunfas, ou não a fazes bem e a tua interpretação sobressalirá e, com ela, uma das seqüências do filme em que todos nós depositamos mais esperanças.

Fiquei gelado. Não havia estudado ainda aquela cena, que, simultaneamente, me atraía e assustava pelas suas dificuldades imensas.

Lembrei-me da corrida, e contestei, dêbilmente, quasi vencido:

— Esta tarde vou aos toiros! Quando regressar, estudarei a seqüência...

Leitão de Barros, inexorável, respondeu-me calmamente:

— Penso que essa cena é a mais importante da tua carreira... Talvez valesse a pena não ir à corrida — e prepará-la com cuidado...

E dito isto saiu, como se tivesse lavrado uma sentença...

Nos primeiros momentos senti uma revolta imensa. Iria à corrida. Depois, se veria... Mas a voz da consciência segredou-me que Leitão de Barros tinha razão...

UMA BARREIRA DO 9, OS CORAÇÕES DOS ASSASSINOS E O DRAMA DO FALCÃO PERIGOSO

DUAS HISTÓRIAS PITORESCAS, CONTADAS POR

ANTÓNIO VILAR E ERICO BRAGA

Abri a carteira precipitadamente, procurei o bilhete e, antes que tivesse tempo de me arrepender, rasguei-o em mil pedaços. Respirei fundo... E, nessa tarde, não saí do hotel — para estudar a cena.

Quando assisti à projecção, dei por bem empregado o sacrifício. Todos me felicitavam. Era bem o rei cruel, sedento de vingança e de justiça, ao morder as mãos dos assassinos, e a mandar arrancar-lhes o coração pelas costas...

Hoje, pergunto a mim próprio se nesse desespero não haveria a recordação da toirada perdida... E é tal o desvalramento com que olho a bandeja em que me trazem os dois corações sangrentos, que chego a perguntar se dentro dela não estaria, em mil bocados, o bilhete para a corrida, que durante uma semana fôra, para mim, a promessa de uma tarde de domingo, despreocupada e feliz.

NO CINEMA, NEM TUDO SÃO ROSAS

ERICO BRAGA, QUE TÃO BOA IMPRESSÃO NOS DEIXOU COM A SERIEDADE DO SEU DESEMPENHO NA AÚSTERA FIGURA DE D. AFONSO IV, RELATOU-NOS O SEU «DRAMA» NOS SEGUINTE TERMOS:

— Foi no meu primeiro dia de filmagem nos estúdios Roptence. Nervosismo natural de um primeiro «abord». Logo por pouca sorte o Leitão de Barros naquele dia estava virado do avesso. O Guerner (como se diz em Espanha e ele gosta), também naquela tarde estava muito digno, mesmo a afirmar: «Olhem que está aqui um operador internacional!»

Enfim, tudo se conjugava para me arreliar... Tudo, e as barbas também! Cem anos que eu viva nunca mais esqueço aquelas barbas e aquela maldita cabeleira do D. Afonso IV! Eu bem sei que fico muito bonito. Mas só vos digo que da nuca ao caroco da maçã todo eu era *cola* (verniz).

E aquilo a arrepanhar-me, e volta e meia a descolar-se e a ter de se colar outra vez... E as mósas, e um calor horrível, e um zeloso funcionário da «maquillage» que passava a vida — mesmo sem a gente pedir — a enxugar-me a cara. Um horror! Quere dizer: quando fui para o «plateau» para «rodar» a primeira cena, se me piassem um pé eu arrancava as barbas e fugia para Portugal! E fugia muito bem, porque não me consta que o rei D. Afonso IV se prestasse a êstes vexames em terras de fora!

Mas... tive de agüentar! Fui para o «plateau» e agora é que começa a tragédia! A cena que eu tinha a filmar exigia a *comparência* de um falcão, por isso que era necessário provar que El-Rei D. Afonso IV fôra pessoa muito dada a caçadas e montarias. Ora, na véspera, já me tinham dito que na impossibilidade de encontrar um falcão verdadeiro eu faria a cena com uma *galinha* disfarçada

em falcão. Fiquei radiante! Já me tinham avisado que os falcões são muito maus para as pessoas, e volta não volta voltam-nos o dente... mesmo que sejam pessoas reais. Mas — oh! céus — calcularão o meu desgosto quando verifiquei que à falta de falcão me apresentaram uma *grandecíssima* águia — ou lá o que era — com um aspecto feroz, e que ainda por cima deitava um cheiro nauseabundo.

Fiquei para não viver. Mas o Leitão de Barros, sem espécie de piedade, cruelmente, gritou:

— Anda, pega-lhe, não tenhas medo!

Estava imensa gente! Toda a equipa de assistentes, «maquilleurs», electricistas, etc., e ainda uns senhores com ares muito importantes — que a gente vê sempre nos «plateaux». Devem ser os homens que costumam financiar estas temeridades. Tive vergonha, e lá me agarrei ao falcão («soit-disant»)... Agarrei-me é como quem diz — porque ela, a maldita ave, é que se agarrou. Cravou-me as unhas no braço com tal gana — que eu percebi logo que devia ser ódio de raça!

E agora estão a ver o mimo que foi! Toda a cena devia ser exteriorizada com um *sorriso* nos lábios. E eu a sofrer dóres horríveis com as unhas da avestruz — ou lá o que era — cravadas na pele do meu rico ante-braço.

E o cheiro! O maldito pássaro parecia que estava envenenado!

Suplício maior nunca foi imposto a ninguém. Nem na Inquisição!

E depois... quem vê os filmes cá de fora julga que tudo aquilo que se passa na «écran» são rosas! Mas não há rosas sem espinhos!

ERICO BRAGA, O QUE SOFREU DAS GARRAS...



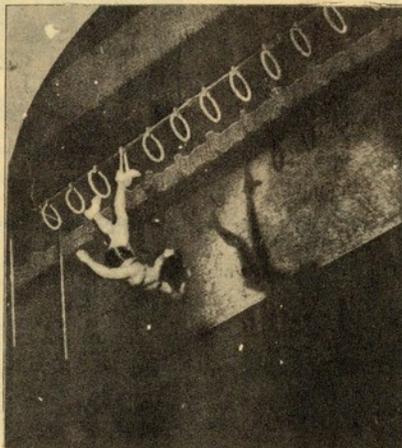


Esta dançarina intemperata ganha a sua vida dançando todas as noites no interior de uma jaula de lobes. Apesar de o domador vigiar as feras, ultravemo-nos a pensar que a nossa leitora não seria capaz de ganhar assim a sua vida...

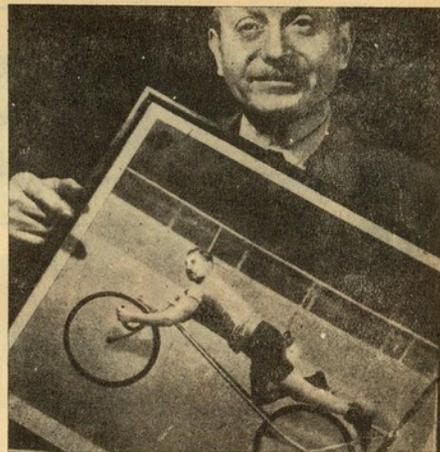
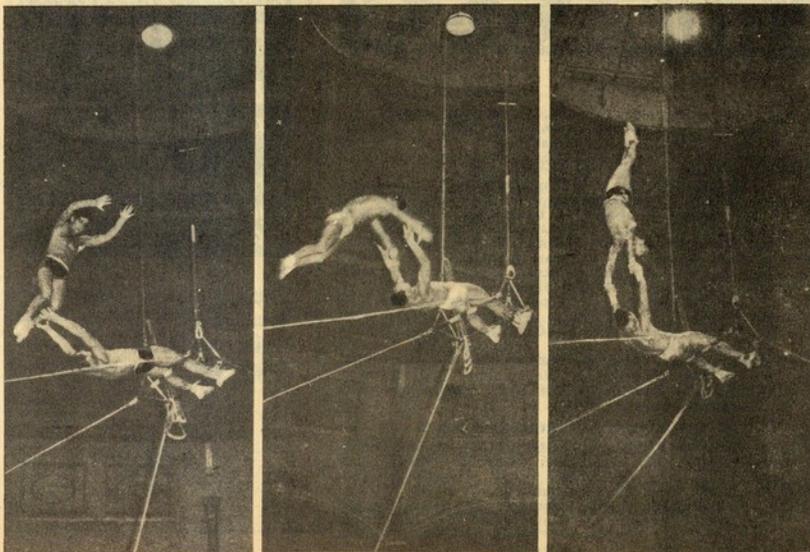


Liliane Lambert, de 16 anos, e seu tio, o domador Natal Jackson, vivem entre este papagaio «mascote» e os lobes com que trabalham.

Natal serve-se indiferentemente das mãos e dos pés. Os seus artelhos sofreram uma dolorosa operação, bem como todos os outros ossos dos pés, para os tornar tão facilmente prensíveis como os dos macacos.



Miss Cooky unia de cabeça a um burco, sem qualquer protecção, «pendurando-se» sucessivamente em dezêta anéis. Isto, a 20 metros de altura, sem rede.



Abbius, cuja morte já foi anunciada, continua vivo. Tem sessenta anos. Nesta foto, segura uma outra em que ele próprio se exhibe numa bicicleta propulsionada com hélice, de sua invenção. Abbius foi o arrojado do duplo «looping» em motociclo.

VERDADEIROS HERÓIS

QUE DESAFIAM A MORTE SEM PÔR EM RISCO A VIDA DO SEU SEMELHANTE

❶ S curtos minutos em que a multidão vibra com as emoções de um espectáculo de circo, representam muitos anos de trabalhos e de treinos constantes, e uma soma enorme de energia, de coragem e de sangue-frio — que muitas vezes se pagam com a vida...

Esta página dá aos nossos leitores aspectos da actividade de alguns dos mais famosos artistas mundiais, em momentos culminantes dos seus números de emoção. Ao vê-los, quem poderá negar-lhes o título de heróis — heróis puros, cuja heroidade não mata ninguém, senão, às vezes, os seus próprios autores?

O circo, pela sua complexidade, desde os cavallinos aos palhaços, dos ilusionistas aos domadores, dos voadores aos cães amestrados, é, sem dúvida, o espectáculo mais heterogénio que exige uma mais vasta e complexa preparação. Esta página fornece aos nossos leitores alguns momentos culminantes dos resultados emotivos dessa preparação sistemática e da coragem imprescindível para o exercício de certos «métiers».



E somente com os pés que ele sobe até ao alto de uma corda, vertical e lisa.

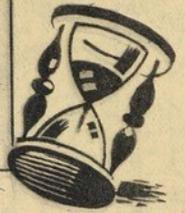
Nove minutos de agonia perante «Os Clérans». A quinze metros do solo, o acrobata acaba de lançar-se num salto de quatro metros de comprimento...

Dado o duplo salto-mortal, a «partenaire» segura o acrobata com precisão cronométrica. O equilíbrio do priméiro é assegurado pelos pés de encontro à barra.

Depois de se balançar perigosamente no espaço, o acrobata immobiliza-se em equilíbrio nas mãos da «partenaire». O «se isto tem de arriscado, de sangue-frio e de força, não carece de palavras para compreender-se...



PASSATEMPO



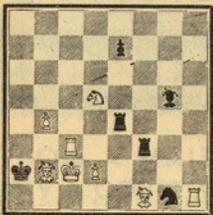
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

XADREZ

PROBLEMA N.º 1 (1945)

Por Oscar Pires de Carvalho (Lisboa)



Mate em dois lances.

1.º «MATCH» PORTUGAL-ESPAÑA
Jogo disputado no Casino Estoril, em 12 de Março de 1945, entre Carlos Araújo Pires (Portugal) e R. Llorens (Espanha):

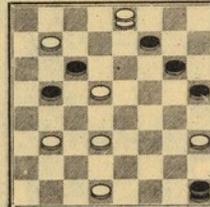
Branças	Pretas
C. A. Pires	R. Llorens
1 — d2—d4	Cg8—f6
2 — c2—c4	e7—e5
3 — Cb1—c3	d7—d5
4 — Bc1—g5	Bf8—e7
5 — e2—e3	O—O
6 — cg1—f3	h7—h6
7 — Bg5—h4	Cf6—e4
8 — Bh4×e7	Dd8×e7

9 — Dd1—c2
10 — Bf1—d3
11 — Dc2×c3
12 — O—O
13 — Bd3×c4
14 — Tal—c1
15 — Bc4—e2
16 — d4×c5
17 — b2—b4
18 — Dc2×c7
19 — Dc7×c7
20 — Tf1—d1
21 — Be2—c4
22 — Cf3—e5
23 — a2—a3
24 — Bc4—e2
25 — Rg1—f1
26 — Tc1×c8
27 — Be2—f3
28 — Bf3×e4
29 — f2—f3
30 — e3—e4
31 — Ce5×c4
32 — Td1—d7
33 — b4×a5
34 — Td7—d3
35 — g2—g3
36 — h2—h3
37 — Empatada.

c7—c6
Ce4×c3
Cb8—d7
d5×c4
e6—c5
b7—b6
Bc8—b7
Cd7×c5
Cc5—e4
Tf8—e8
Te8×e7
Bb7—d5
Ce4—f6
Te7—e8
Bd5—b7
Ta8—c8
Cf6—e4
Te8×c8
Bb7—d5
Bd5×e4
Be4—d5
Bd5—c4+
Te8×c4
a7—a5
b6×a5
Rg8—f8
Rf8—e7

PROBLEMA N.º 20

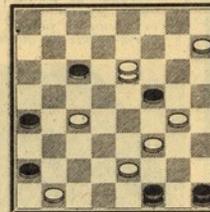
Por Bonfilho Augusto Gomes (Vila Viçosa)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 21

Por Cândido Polcarpo (Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18

2-6	6-10	9-13	11-27
31-22	13-6	18-9	9-31

7-4-16-7 ganham.
4-9

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 19

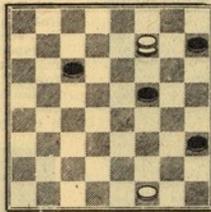
14-21	20-23	6-13	2-5
4-1	25-18	17-10	P. g.

DAMAS

(Secção portuguesa)

FINAL DE JOGO N.º 15

Por Raúl Duarte Girão (Pernes)



Jogam as brancas e ganham.

O VELHO PORTO
Niepoort
sabe a quem sabe

palavras CRUZADAS

PROBLEMA N.º 16 (Concurso)

Pelo estudante de engenharia João Manuel Marques Carolino (Rocamoli) (Nelas)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Empedrada em macadame. 2 — Davam a forma de cavalete. 3 — Espécie de acónio; produza. 4 — Sacrifica; tecer. 5 — Pé grande; compreendias; preposição. 6 — Larva que se cria nas feridas dos animais; zelar; calamidade. 7 — Nota musical; gibóias; atitude. 8 — Venerar; possuir. 9 — Produzias; senhora. 10 — Rogam; monturo. 11 — Visar de novo; tecido grosseiro. 12 — Empalideceram.
VERTICAIS: 1 — A que prepara com as mãos. 2 — Bandearem-se. 3 — Toucado de crianças; punha ovos. 4 — Encarquilhã; rugir. 5 — Caminho entre montanhas; caudas; conjunção. 6 — Iço; liga; moléstia. 7 — Pronome pessoal; parentes; cerque. 8 — Repetir; igual. 9 — Espécie de feijão de Moçambique (pl.); mova os pedais. 10 — Adevim; residente. 11 — Marcadas; irmã. 12 — Mostraram-se amarelos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 15

HORIZONTAIS: 1 — Colaborara. 2 — Anata; subam. 3 — Leves; círio. 4 — Arele; aviar. 5 — Rama; arre. 6 — Iaca; abri. 7 — Adoça; apuar. 8 — Moral; volta. 9 — Orate; ideal. 10 — Semearemos.
VERTICAIS: 1 — Calaríamos. 2 — Onera; adore. 3 — Lavem; coram. 4 — Ateia; acate. 5 — Base; alea. 6 — Osca; avir. 7 — Ruiva; apode. 8 — Abrir; bulem. 9 — Ralar; ratão. 10 — Amoreirais.

CHARADAS

AFERESADAS

1) A sorte é um factor na vida que devemos ter sempre em conta. — 3-2

Pôrto Aljofe (F. L.)

2) É dever moral do homem sobrepôr à ideia da Morte o ideal da Existência. — 3-2

Pôrto Aljofe (F. L.)

NOVISSIMA

3) Está patente a todo o espirito sensato esta verdade: nem todas as verdades se podem dizer publicamente. — 3-2

Pôrto Aljofe (F. L.)

SINCOPIADA

4) Os amplexos paternais são firmes como espadas. — 3-2

Pôrto Aljofe (F. L.)

SOLUÇÕES DAS CHARADAS

(Publicadas em 19/4/945)

1) Polho. 2) Estanco. 3) Jeripiti.



MEDICINAL
PASTA COUTO
TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas
EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 10\$50
Medicinal grande — tubo 16\$00
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00



Em todas as IDADES...

...é necessário fortalecer os ossos e os músculos para evitar o esgotamento e a doença.



Remineralizando a futura mãe, nascerá um filho são e resistente a todas as enfermidades



Cuidar a dentição e o desenvolvimento dos ossos constitui a principal medida profilática que os pais devem ter com os filhos



Na idade escolar, quando o cérebro das crianças começa a trabalhar, deve impedir-se a fadiga que ocasionam os primeiros livros

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



A rapariga ao lado-re mulher passa por um período de melancolia, anemia e fadiga, que devem ser combatidos sem demora



Os jovens que na época de estudos fortificam o seu cérebro, fazem-se homens com um porvir sorridente



A família inteira será otimista e alegre vendo que todos os seus componentes gozam de boa saúde



Nunca será um velho se as suas faculdades mentais e os seus nervos conservarem o vigor da juventude



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Notas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
20,30	16,7	19,5	19,7	25,3
22,45		19,5		25,3
23,00	30,9	39,6		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da «B.B.C.», todos os dias das 19,45 às 20.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

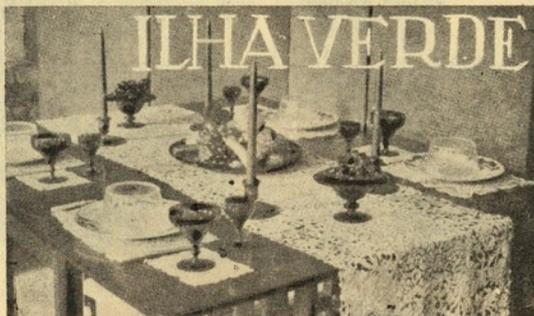
por RAFAEL MARÇAL
À venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de VIDA MUNDIAL

Cabelos cheios de sol



«Lavalan-hulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. À venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª D.ª — Telefone 43582.

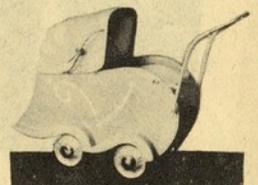
É NA CASA REGIONAL DA



QUE SE ENCONTRAM OS MAIS LINDOS E ARTÍSTICOS BORDADOS

RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AO CHIADO) — LISBOA — TEL. 25974

CARRINHOS PARA BEBÉS E CADEIRINHAS



Fabrinca

os melhores

a pronto ou com facilidades de pagamento

J. COSTA & SILVA, L.ª
R. Arco do Bandeira, 79, 1.º
LISBOA Telefone 26713
(atende-se a provincia)



O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

VESTIDOS DE PRIMAVERA SEM FAZENDA RACIONADA



O POBRE CANITO — O «CÃO DE ÁGUA» — ERA ASSIM ANTES DE IR AO «CABELEIREIRO» E AO «ALFAIATE».



ORA VAMOS LÁ A TRATAR DOS COLARINHOS E DA GRAVATA, A CURVA DA CINTURA QUE FIQUE BEM MARCADA, COMO AS SENHORAS AGORA GOSTAM...
SR. «CÃO DE ÁGUA»!

NDAR tosqueado à última moda é a suprema aspiração do cãozinho de luxo — neste caso um elegante «cão de água», de cauda comprida, como a dos seus antepassados caçadores. A verdade é que estes simpáticos bichinhos, com um «cobertor» tão espesso não estavam em boas relações com o calor da Primavera e do Verão. E, assim, o dono do «Peter» resolveu livrá-lo de dificuldades, mandando-lhe tosquiar o casacão — operação que, aliás, já é vulgar nos nossos dias...

Porque, a verdade é só esta: um cão que se preza de o ser, não pode deixar de ir ao «cabeleireiro», ao «pedicure», ao alfaiate...

Aqui damos algumas imagens obtidas durante uma sessão num desses estabelecimentos de elegância canina...



OH! CEUS, MAS, ENTÃO, TUDO ISTO SÃO OS DESPOJOS DA MINHA RICA FARPELA?

2